

Revista da  
Reitoria  
da Universidade  
de Coimbra

Número 23  
Trimestral  
Janeiro  
2009

[www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga)  
[rualarga@ci.uc.pt](mailto:rualarga@ci.uc.pt)



# RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra  
DIRECTOR Fernando Seabra Santos  
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha  
EDITOR João Mesquita  
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros  
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro  
INFOGRAFIA Maria João Freitas e Sérgio Brito  
[ GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade ]  
PRODUÇÃO Isabel Terra, Lígia Ferreira e Luísa Lopes  
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira  
EDIÇÃO GCI - Gabinete de Comunicação e Identidade  
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra  
IMPRESSÃO Litografia Coimbra, S.A.  
TIRAGEM 3.500 ex.  
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS  
C A P A Casa das Caldeiras  
[www.uc.pt/rua1arga](http://www.uc.pt/rua1arga)  
Tel. 239 859 823  
PONTOS DE VENDA  
Quarteto, XM, Livraria/Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • *Neste tempo de ninguém* • Fernando Seabra Santos

## REITORIA EM MOVIMENTO

*A ordem dos papéis* • Raimundo Mendes da Silva

## OFICINA DOS SABERES

### ACTUAL

*OPART* • Pedro Moreira  
*Conselho Geral* • João Mesquita  
*Síte da UC* • A. Gomes Martins e Pedro Saraiva

### IMPRESSÕES

*Prémio a Arte de Ler* • Maria José Azevedo Santos  
*O Prelo do Galinha* • Maia do Amaral  
*Estudo da UC em Macau* • Martha Mendes

### BREVES

*Comemorações dos 50 anos do CAPC* • António Olaio  
*Eleições AAC*  
*Semana chinesa em Coimbra*  
*Geociências*

### RIBALTA

*Divulgação da Ciência* • Cláudia Pereira

### CIÊNCIA REFLECTIDA

*Memórias de Dolly* • João Ramalho

## AO LARGO

### ENTREVISTA

*João Lopes* • João Mesquita

### RETRATO DE CORPO INTEIRO

*Paulo Furtado*

### CRIAÇÃO LITERÁRIA

*O meu nariz* • Emília Ferreira

### LUGAR DOS LIVROS

## ESPAÇO DAS ESCOLAS

*Casa das Caldeiras* • Ana Vaz Milheiro

### TEMAS

*Colóquios de Outono*

# Neste tempo de ninguém

Fernando Seabra Santos \*

Na primeira semana completa de Janeiro do ano que agora começa, ocorreram na Universidade de Coimbra alguns acontecimentos plenos de significado. No dia 6, terça-feira, os membros eleitos do Conselho Geral terminaram o processo de cooptação dos membros externos votando, por unanimidade, uma única lista de dez nomes que todos tinham contribuído para tornar consensual. No dia 7, quarta-feira, realizou-se mais uma reunião plenária do Senado, a 73ª a que tive a honra de presidir e a última de um dos órgãos colegiais de governo respondendo ao quadro organizacional previsto nos anteriores Estatutos. A ocasião foi, aliás, integralmente aproveitada para, em clima de convívio com os membros do Senado que integraram as várias composições do órgão entre 2003 e 2008, se passarem em revista alguns dos momentos mais marcantes da sua actividade. No dia 10, sábado, teve lugar a primeira reunião do Conselho Geral completo, para proceder à eleição do seu presidente. Como é sabido, a escolha recaiu sobre o Dr. Artur Santos Silva, personalidade conhecida e prestigiada cujos méritos dispensam qualquer outro comentário. Entretanto, também o anterior Conselho Administrativo cessava funções e o novo Conselho de Gestão entrava em funcionamento, decidindo desde logo alargar as competências dos Presidentes dos Conselho Directivos das Faculdades, no respeito pelo princípio da gestão descentralizada, definido pelos novos Estatutos da Universidade.

Pela importância destas realizações, a semana em que elas se concentraram fica a ser, sem dúvida, a marca temporal simbólica da mudança formal do nosso paradigma de organização. Mais do que um mero virar de página, que sempre se faz num livro já escrito, estamos a adoptar conceitos de nova geração, a escrever numa página em branco. Sobre a substituição do modelo antigo pelo modelo novo, polémico quanto baste na substância e na forma, já passou o tempo de discutir alternativas ao segundo, porque está em marcha, e não chegou ainda o de fazer História sobre o primeiro, porque só agora chega ao fim. Um e outro virão mais tarde.

Neste tempo de ninguém — povoa-me, nesta matéria, uma indefinível percepção de suspensão do tempo — à frenética intensidade da gestão dos assuntos inadiáveis vem juntar-se, por paradoxal que pareça, uma irreprimível necessidade de reflectir sobre a essência da mudança; o antes e o depois; o que estava bem e foi mudado por simples capricho do legislador; o que estava mal e que podemos agora melhorar.

O antigo Senado parece-me dever ser o objecto de todas estas reflexões contraditórias. Desde Fevereiro de 2003 a Dezembro de 2008, em 73 reuniões plenárias com participação habitual de 50 pessoas e uma duração média estimada de 4 horas, foram aprovadas ao todo 769 deliberações. Contas feitas, foram precisos, em média, 23 minutos para discutir um assunto e sobre ele apurar a opinião maioritária do órgão. Terá sido perda de tempo? Algumas vezes, talvez. Globalmente, penso que não. Pelo menos no período em apreço, ninguém poderá falar em ineficácia ou ineficiência deste órgão. Os membros das comissões externas de avaliação que nos têm visitado afirmam, aliás, desconhecer outra Universidade do mundo com idêntico grau de participação no processo de tomada de decisão. Não podemos senão ficar orgulhosos desta posição.

Mas depois vem o reverso da medalha: o Senado dos interesses de corpo e de grupo. O Senado não-te-metas-comigo-que-eu-não-me-meto-contigo. O Senado dos equilíbrios táticos entre sectores, que inibem a definição estratégica ou o apuramento do interesse da instituição como um todo. Neste plano vamos ter que fazer bastante melhor e é nele que se vai jogar a avaliação futura das alterações agora introduzidas.

Quando estamos a escrever, numa página em branco, as primeiras linhas de concretização do novo modelo organizacional da Universidade de Coimbra, de cuja adequação e eficiência há-de depender o êxito da instituição e a sua capacidade de ganhar os desafios do futuro, faz sentido manter presentes estas reflexões e com elas informar as decisões que haverá que tomar nos próximos meses. Pela minha parte, procurarei continuar a cumprir as linhas do meu programa e a ser fiel à ideia que o seu título sintetiza: Mudança tranquila. Para que os impacientes da mudança não se esqueçam de que ela pode e deve ser tranquila. Para que os adeptos da tranquilidade vejam na mudança permanente o ingrediente que a torna possível.



Reitoria em Movimento

# Velocidade e Movimento

José António Bandeirinha \*

Nos dias 19 e 20 de Novembro de 2008, sob os auspícios da Reitoria da Universidade de Coimbra, decorreu mais uma edição dos *Colóquios de Outono*. Instituídos como acontecimento científico e cultural que marca o início de cada ano lectivo, estes colóquios têm, nos últimos anos, proporcionado a discussão fluente e informada de temáticas universais que, como tal, se inscrevem também no âmbito do interesse estratégico da universidade. Assim, depois da edição de 2006, dedicada à reflexão em torno das questões da cultura e da comunicação social, segue-se, em 2007, o debate sobre a mobilidade e as fronteiras na contemporaneidade e sobre as escalas sociais e territoriais que lhes estão associadas.

A Arte é, sem dúvida, uma dessas temáticas universais a que os colóquios nos foram habituando e o ensino artístico é, por consequência, uma área de interesse determinante para a universidade. É, de resto, no seio da Universidade de Coimbra que algumas unidades mais consolidadas nas áreas correlatas, como o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras e o Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, assistem à geração institucional de novas unidades orgânicas, como o Colégio das Artes, e compartilham experiências na criação de novas frentes curriculares, como os Estudos Artísticos ou o Design e Multimedia.

Nestes *Colóquios de Outono* de 2008, sob o tema *Arte\_real\_mente\_arte*, foi proposta uma reflexão sobre a produção artística e sobre a produção de pensamento, sobre as suas interpenetrações e o modo como se articulam entre si. Uma reflexão que, por um lado, se adivinhava transversal e aberta aos mais diversos espaços de expressão de uma e de outra e, por outro

lado, pretendia incidir sobre alguns centros específicos de interacção entre a arte e o pensamento.

A arte pode aventurar-se por territórios que problematizam a nossa identidade biocultural e, ao implicar outras actividades nos processos criativos, torna visível e permanente a necessidade de as fazer saltar do seu mundo, incorporando tudo o que elas não conseguem traduzir por si próprias.

Por outro lado, o conhecimento inerente a essas actividades pode ajudar a apreciação da arte, em particular quando os artistas usam os mecanismos de pensamento a elas dedicados para conceber as suas obras. Foi, assim, convocado um conjunto de personalidades, cujas contribuições para o tema são reconhecidas, desafiando cada uma delas ao cruzamento de ideias. À semelhança dos Colóquios de 2007, o formato do colóquio privilegiou a interacção de proximidade com as pessoas que, em número considerável, ocuparam as cadeiras do Auditório da Reitoria.

Dois outros projectos se perfilam agora, neste início de ano de 2009.

Por um lado, a programação de um ciclo de concertos na Capela de São Miguel, intitulado *Órgão +*, que, dando sequência a uma ideia do Maestro Paulo Bernardino, organista da Capela, vai juntar, nas primeiras quintas-feiras de cada mês, um organista com outros intérpretes para um concerto cujas intenções são também as de tornar mais atractivos os espaços patrimoniais do Paço das Escolas.

Por outro lado, a organização da *XI Semana Cultural* da Universidade de Coimbra que, na celebração do seu 719.º ano de actividade, vai igualmente celebrar, entre outras efemérides, o bicentenário do nascimento de Charles Darwin, o centenário do *Manifesto Futurista*

e as quatro décadas do movimento estudantil de 1969. Sob o mote *Velocidade e Movimento*, tentaremos congrega a dinâmica conceptual de um mundo em evolução, um mundo que faz depender a sua existência do devir e que se afasta velozmente de uma condição que também crê irracional.

A ideia futurista de uma nova moral da beleza, da beleza da velocidade, já não é mais o alimento do sonho *marinettiano*, é a realidade com que convivemos, é o fermento do nosso quotidiano — “La morale futurista difenderà l’uomo dalla decomposizione determinata dalla lentezza, dal ricordo, dall’analisi, dal riposo e dall’abitudine”<sup>i</sup>. É a moral que se sobrepõe à matéria, o pensamento que conjuga o verbo antes do seu tempo próprio. A moral é sempre a moral...

Ao ser introduzida no projecto, a ideia de velocidade gera um turbilhão de aforismos que nos leva, a nós contemporâneos, à satisfação. Sentimo-nos saciados com a refeição do presente, olhamos para os digestivos e sobremesas do futuro com soberba e consumimos sempre mais um pouco.

É este o mote que, relacionando algumas marcas do passado, servirá, não sem alguma ironia, para nos desafiar a reflectir criativamente sobre as expectativas da nossa circunstância actual.

À semelhança dos anos anteriores, foi feito um convite à comunidade universitária para reflectir, por um lado, sobre o(s) sentido(s) da actividade que desenvolvem na instituição e, por outro, em que medida é que essa actividade se cruza com a sociedade mais vasta que integra. Os membros da comunidade universitária foram instados a exprimir o modo como os conceitos associados ao mote *Velocidade e Movimento* concorrem para as suas práticas quotidianas. A resposta foi, como também tem vindo a acontecer todos os anos, entusiástica, criteriosa e diversificada. Integradas, numa programação conjunta, com actividades e espectáculos de circuitos artísticos mais vastos, essas propostas constituirão o corpo coerente de uma semana intensa, repleta de acontecimentos marcantes, uma semana que vai, uma vez mais, inscrever a sua presença no ambiente cultural da cidade e da região.

\* *Pró-Reitor da Universidade de Coimbra*

i. F.T. Marinetti, “La nuova religione-morale della velocità. Manifesto futurista pubblicato nel primo numero del giornale ‘L’Italia Futurista. 11 maggio 1916””: *Teoria e Invenzione Futurista*, Verona, Arnoldo Mondadori, 1968.









# A ordem dos papéis

José António Raimundo Mendes da Silva \*

A imagem de grandes pilhas de livros, dossiers ou papéis tem sido usada para ilustrar situações tão diversas e contraditórias como a enorme dedicação ao estudo e à investigação, com iguais doses de génio e de loucura; a grande actividade no domínio da informação, com as redacções a transbordar de notas, artigos e jornais, onde o cimo da pilha é o mais quente e actual e desvaloriza o que lhe antecede; a eferescência económica do mundo dos “negócios” ou, ainda, a expressão física e mais visível das pesadas teias da burocracia, onde a vida se imobiliza entre duas fiadas da pilha que teima em crescer. Todos nós poderíamos continuar esta lista, de modo diverso, mas associando quase sempre estas imagens a grandes quantidades de informação e à dificuldade de a utilizar e gerir de modo sustentável.

Desenham-se, assim, vários caminhos possíveis para continuar esta breve reflexão, mas ela restringir-se-á, por questões de espaço e oportunidade, à gestão das infra-estruturas universitárias e às temáticas que com ela interagem mais directamente.

Está longe, a Universidade de Coimbra, de poder ser ilustrada com qualquer das imagens que acima se descreveram porque, não obstante a utilização dinâmica e viva dos espaços, a ordenação física dos nossos livros, dossiers e papéis obedece a critérios mais formais. É, no entanto, indiscutível que estes suportes de informação, que me atrevo a designar globalmente por “Papel” — com letra maiúscula, em sinal de evidente valorização e abrangência —, preenchem todos os espaços possíveis das Faculdades

e Serviços e crescem, nalguns casos, de forma exponencial. Já é mais discutível se o modo como crescem e se utilizam é, em todos os casos, o mais adequado e tem subjacente critérios de qualidade da informação, objectivo funcional, racionalidade económica e preocupações de carácter ambiental, de segurança, higiene e saúde.

Muitos são os esforços desenvolvidos num passado recente para que estas preocupações se traduzam em resultados. A reitoria defende muito claramente estes princípios, mas as iniciativas não são da sua exclusiva responsabilidade, sendo visível o crescente interesse na procura de soluções locais e na participação em projectos transversais.

O mundo da informação digital já não é uma miragem. Aliás, nalguns casos, já começa a gerar novas preocupações idênticas às das pilhas de papel: como gerir e utilizar as novas quantidades (inimaginavelmente maiores) de nova informação? Não posso deixar de olhar — perplexo — para os 13725 ficheiros da minha pasta de trabalho de 2008, excluindo o correio electrónico.

Os projectos *WebOnCampus* e as diversas soluções de gestão informática, umas locais, outras globais, que têm vindo a desenvolver-se e a concretizar-se, são degraus relevantes neste processo. No domínio da gestão das instalações, muita informação tem passado a ser armazenada, gerida e partilhada com recurso a bases de dados sobre plataforma WEB: a gestão de empreitadas, a gestão de equipamentos e

infra-estruturas, a gestão da informação sobre escavações arqueológicas e a informação e divulgação de princípios de higiene e saúde, entre outros.

Novos desafios surgem permanentemente e é inevitável referir o novo Código dos Contratos Públicos que, quando em velocidade de cruzeiro, vai permitir desmaterializar um grande número de processos administrativos e financeiros, com impacte não desprezável em termos ambientais.

A utilização mais racional das instalações, que é preciso considerar cada vez mais como um bem comum, precioso e não inesgotável, deve também encontrar novos apoios em soluções de gestão da informação que estão a ser implementadas.

A redução do consumo de papel é, aliás, uma medida não adiável, por razões financeiras e ambientais. Se a recolha de papel para reciclagem ou reutilização é já uma constante em toda a Universidade de Coimbra, não se pode ainda afirmar o mesmo sobre a avaliação das necessidades, versus aquisição e consumo. Em termos ambientais, é ainda incipiente uma difícil discussão: os tipos de impressão, as tintas, os acessórios dispensáveis, a política da embalagem. O desafio está na mão da criação, do design, da publicidade e, também, do público em geral, que é o destinatário final destes estímulos visuais.

O “Papel” terá, durante muito tempo (e hesito dizer “sempre”, embora seja essa a minha convicção), um lugar relevante, mesmo para além do Livro. A Univer-

sidade vive com esta realidade e tem criado mecanismos para a gerir. Vale a pena recordar o Arquivo Automático, com quatro anos de funcionamento, que muitos Serviços e Faculdades já não dispensam, mas que continua um ilustre desconhecido para outros, enquanto procuram soluções precárias de armazenamento da informação em suporte papel, quantas vezes com agravamento sério das condições de segurança (grandes cargas térmicas, obstrução de espaços vitais para a circulação) e sem garantia de condições ambientais adequadas e acesso reservado à informação. Renova-se o convite para visitar o site <http://aa.uc.pt>.

Na escala de uma grande universidade podem e devem coexistir grandes projectos complementares. O projecto das Bibliotecas e a concretização progressiva de pequenos sub-projectos, muitas vezes de reorganização física e funcional, são um excelente exemplo, a par das iniciativas mais dedicadas à vertente virtual. A recente construção de uma Biblioteca das Ciências da Saúde no Pólo 3, agregando a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Farmácia, e o projecto em curso de reestruturação física das Bibliotecas na Faculdade de Letras, são duas demonstrações de que, conhecido o rumo, o caminho se consegue fazer.

Por último, e pelo mérito que lhes é devido, com as conhecidas dificuldades de espaço, mas um permanente esforço de renovação, não podem deixar de referir-se a Biblioteca Geral e o Arquivo da Universidade, que têm uma função determinante na ordem do “Papel”.

*\* Pró-Reitor da Universidade de Coimbra*



# Oficina dos Saberes

ACTUAL

IMPRESSÕES

BREVES

RIBALTA

Novos Estatutos já em aplicação

# Conselho Geral dá os primeiros passos

João Mesquita

A lista E, encabeçada por João Queiró, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, venceu as primeiras eleições para o Conselho Geral da Universidade de Coimbra. A lista obteve 335 votos (46,9 por cento do universo de 721 votantes), elegendo exactamente metade dos 18 professores e investigadores que integram o novo órgão, a quem compete, entre muitas outras funções, eleger, substituir, suspender ou destituir o reitor da Universidade.

A lista U, liderada por João Carlos Marques, ficou em segundo lugar, com 222 votos (31,1 por cento) e seis mandatos. Na última posição, com 105 votos (14,7 por cento) e três mandatos, ficou a lista A, que tinha Boaventura de Sousa Santos como “número um”. Isto no que ao universo de professores e investigadores diz respeito. Já quanto aos estudantes, a vitória foi para a lista T, que com os seus 499 votos (32 por cento dos 1574 votantes) elegeu dois representantes, contra um da lista P (470 votos, correspondentes a 30,1 por cento) e outro da C (251 votos, 16,1 por cento). Os funcionários, finalmente, elegeram dois elementos, ambos através da única lista do segmento que se apresentou ao sufrágio de 24 de Novembro de 2008 e que obteve 581 votos (84,7 dos 705 participantes).

Entre os professores e investigadores, a lista E ganhou precisamente em metade das Faculdades: Ciências e Tecnologia — a maior das oito que integram a

Universidade, nela tendo funcionado quatro mesas de voto —, Letras, Medicina e Psicologia e Ciências da Educação. Elegeu, além de João Queiró, José Cardoso Bernardes, Catarina Resende de Oliveira, Guilherme de Oliveira, Carlos Fortuna, João Gabriel Silva, Ana Paula Relvas, Amílcar Ferreira e Helena Freitas. A lista U venceu em três Faculdades: Direito — onde as listas E e A ficaram empatadas —, Farmácia e Ciências do Desporto e Educação Física. Além de João Carlos Marques, elegeu Lúcio Sobral da Cunha, Carlos Freire de Oliveira, Jorge Coutinho de Abreu, João de Sousa Andrade e Maria José Almeida. Em Economia, as listas U e E ficaram empatadas a 30 votos. A lista A elegeu, além de Boaventura de Sousa Santos, José Faria Costa e João Maria André. Verificaram-se, ainda, 52 votos em branco e sete nulos, tendo-se registado uma abstenção de 26,1 por cento — a menor taxa dos três grupos de eleitores do novo Conselho Geral. Entre os estudantes, com 15 403 inscritos nos cadernos eleitorais, a percentagem de abstencionistas ascendeu aos 89,8 por cento. Elegeram Nuno Castanheira Mendonça e João Paulo Oliveira, pela lista T; Inês Barros Mesquita, pela P; e Luís Carlos Rodrigues, pela lista C. Outras duas listas concorrentes, a U e a M, não elegeram qualquer representante. A primeira obteve 156 votos (10 por cento) e a segunda 119 (7,6 por cento). Houve 66 “brancos” e 13 nulos. Não se apresen-

tou a sufrágio nenhuma lista em representação dos estudantes do terceiro ciclo de estudos.

Do lado dos trabalhadores não-docentes e não-investigadores, num universo de 1660 inscritos, a percentagem de abstenção foi de 57,5. O sector elegeu Sérgio Vicente e Maria Fernanda Pereira, que alcançaram 581 votos (84,7 por cento dos votantes). Em branco votaram 105 pessoas, tendo-se registado 19 nulos.

Nos termos dos novos Estatutos, resultantes do Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), o Conselho Geral é um dos três órgãos de governo da Universidade (os outros dois são o reitor e o Conselho de Gestão), sendo composto por um máximo de 35 membros. Aos 18 professores e investigadores, aos cinco estudantes (quatro, para já, em Coimbra, devido à não eleição de representantes do terceiro ciclo, o que faz com que o número total de membros do Conselho se reduza, de momento, a 34) e aos dois funcionários eleitos, acrescem dez personalidades cooptadas, “de reconhecido mérito” e exteriores à Universidade.

Essas personalidades são apresentadas a votação por um grupo mínimo de dez conselheiros, não podendo pertencer aos órgãos de governo de outras instituições, portuguesas ou estrangeiras, de ensino superior ou investigação científica. O mandato dos membros do Conselho Geral é de quatro anos, à excepção dos

representantes dos estudantes, que é apenas de dois. As funções de conselheiro são incompatíveis com as de vice ou pró-reitor, de Provedor do estudante e de membro do Conselho de Gestão da Universidade ou da direcção de uma qualquer unidade orgânica.

Sempre segundo os Estatutos, homologados pelo Governo em Agosto de 2008, compete ao Conselho Geral eleger, substituir, suspender ou destituir o reitor; apreciar os actos do reitor e do Conselho de Gestão; aprovar alterações aos Estatutos, ouvido o Senado.

É, igualmente, da sua esfera de competências, neste caso sob proposta do reitor, aprovar os planos estratégicos da Universidade, as suas linhas de orientação geral, o plano anual de actividades e o orçamento. Bem como deliberar sobre a criação, a transformação, a cisão, a fusão ou a extinção das unidades orgânicas; designar o Provedor do Estudante; destituir os directores das Faculdades; fixar as propinas dos cursos conferentes de grau; e propor ou autorizar a aquisição ou a alienação de património imobiliário.

Funções como a eleição do reitor e do próprio presidente do Conselho, ou a designação do Provedor do Estudante, obrigam à formação de uma maioria absoluta. Por sua vez, a substituição, suspensão e destituição do reitor, ou as alterações aos Estatutos, impõem uma maioria de dois terços.

Uma aliança pela cultura

# OPART-UC

Pedro Santos Moreira \*

Desde a sua criação que o OPART — Organismo de Produção Artística, que integra o Teatro Nacional de São Carlos e a Companhia Nacional de Bailado — visa assegurar níveis de excelência na criação e difusão artísticas, gerar oportunidades para a profissionalização e aperfeiçoamento de artistas e intérpretes, captar e formar novos públicos, descentralizar nacionalmente a cultura e internacionalizá-la da melhor forma possível. Estas são as premissas fundamentais da sua génese e que se destacam, cada vez mais, enquanto linhas orientadoras estratégicas da administração em vigor.

O acordo firmado, em Setembro passado, entre o OPART e a Universidade de Coimbra, é um exemplo concreto e real da procura de abertura destas instituições a novos segmentos de público, através do estímulo da itinerância de espectáculos, tanto líricos como sinfónicos, bailados e exposições.

A colaboração entre ambas as instituições baseia-se numa total cooperação, tendo em vista o desenvolvimento dos seus laços culturais, e compreende os

domínios da direcção técnica, produção, gestão de recursos humanos, marketing aplicado às instituições culturais e à realização de conferências, seminários e festivais.

A Universidade de Coimbra, pela sua vocação e tradição, desde sempre se destacou pela sua vertente dinamizadora em termos sociais, científicos e culturais. O OPART, por seu turno, tem vindo a oferecer à sociedade civil concertos de entrada livre e récitas livres de assinatura, concertos no Largo de São Carlos, matinés-família, récitas dedicadas ao público escolar, ópera gratuita online e exposições de entrada gratuita, tal como a recente mostra no Museu da Electricidade sobre Maria Callas.

Assim sendo, a presente aliança pela cultura entre o OPART e a Universidade de Coimbra, não é mais do que um processo previsível e altamente vantajoso, tendo em conta a génese e os objectivos de ambas as instituições e deste protocolo em particular: consolidar e descentralizar a vida cultural e, paralelamente, sensibilizar e formar novos públicos.

*\* Presidente do Conselho de Administração do OPART E.P.E.*







# Mudança era urgente

António Gomes Martins 1 | Pedro Saraiva 1 | Fernando Boavida 2 | Mário Bernardes 3 | Rafael Agostinho 4

Pode dizer-se, com toda a certeza, que nem aos mais distraídos cibernautas da Universidade de Coimbra nem, certamente, a muitos mais do país e do estrangeiro, passou despercebida a “nova cara” do sítio mais “visitado” da Universidade: as nossas páginas Web, disponíveis em <http://www.uc.pt>.

Com efeito, após um período de vários anos sem transformações de fundo, era urgente uma mudança de aspecto e de funcionalidade, quanto mais não fosse pelo simples facto de que uma estética lufada de ar fresco faria elementar justiça à qualidade da extensa produção científica, pedagógica, cultural e de inovação da Universidade de Coimbra.

Mas as mudanças foram muito mais profundas do que as que resultam de uma simples revisão gráfica, abrangendo equipamento de rede, sistemas computacionais de suporte, software de gestão de conteúdos, desenvolvimento de aplicações, formação de gestores de conteúdos, definição de procedimentos de gestão, e orientação segmentada de informação para diferentes tipos de públicos. Ao todo, o projecto representou um considerável esforço em termos de recursos humanos e financeiros, só possível graças ao apoio disponibilizado pelo programa POS-C.

As motivações para o desenvolvimento deste projecto foram claras: orientar o principal sítio Web da Universidade de Coimbra para os seus utilizadores, transformando-o num veículo de comunicação interna e externa dinâmico; possibilitar uma maior cadência de renovação na gestão de conteúdos; dotar os diversos sítios e sub-sítios Web da Universidade de uma identidade gráfica em conformidade com as normas gráfi-

cas em vigor; adoptar a utilização de uma ferramenta aplicacional que permitisse efectuar a gestão e manutenção distribuídas de conteúdos, com delegação de competências e de responsabilidades de edição; facilitar a criação de sub-sítios, mantendo a identidade definida e garantindo a existência de uma coerência global de todo o espaço de navegação.

## Projecto demorou ano e meio

O projecto — antecedido por uma fase de pré-projecto, que decorreu no último trimestre de 2006 e durante a qual foram efectuadas alterações urgentes ao sítio então vigente — envolveu membros da equipa reitoral, do Gabinete de Comunicação e Identidade e do Centro de Informática, teve uma duração de 18 meses e foi composto por quatro fases principais: desenvolvimento de um protótipo; escolha e instalação da plataforma de gestão de conteúdos; construção de um inventário de conteúdos; migração de conteúdos para a nova plataforma do sítio Web.

Uma peça chave de todo o projecto foi a plataforma de gestão de conteúdos seleccionada: o *Silva Content Management System*, disponibilizado pela INFRAE (<http://www.infrae.com>). Trata-se de um sistema de gestão de conteúdos *open source*, com grande funcionalidade e flexibilidade, permitindo uma eficaz gestão de sítios e sub-sítios, delegação de responsabilidades de edição, segurança e controlo de versões. A adopção desta plataforma permitiu, ainda, a aquisição de autonomia técnica no que toca ao desenvolvimento de soluções adaptadas às necessidades Web da Universidade de

Coimbra e dos seus sub-sítios, bem como no que diz respeito à gestão de todo o sítio. Foi, ainda, conseguida, uma total integração com o sistema de autenticação single *sign-on* da Universidade, bem como a integração com bases de dados existentes, aspectos fundamentais na gestão de utilizadores e na disponibilização dinâmica de conteúdos, respectivamente.

O sucesso deste aliciente projecto mede-se não só pela quantidade de sub-sítios já migrados — que ultrapassam a centena —, mas também pela grande adesão que tem suscitado por parte da comunidade universitária, incluindo estruturas inicialmente não previstas no plano de trabalhos. A este respeito é de realçar que todas as Faculdades da Universidade de Coimbra já aderiram à nova plataforma e, constantemente, há novas valências ou vertentes da Universidade a iniciar e consolidar este processo.

A culminar todo o esforço desenvolvido, a Associação

Portuguesa de Certificação (APCER) atribuiu, no passado mês de Outubro de 2008, a certificação QWeb/IQNet ao sítio da Universidade de Coimbra (certificado n.º 2008/QW/0004). A marca QWeb atesta a conformidade com normas de qualidade, a fiabilidade, a segurança, a privacidade e as boas práticas no diálogo com os utilizadores de e-serviços, incluindo serviços de comércio e negócio electrónicos. Esta certificação coroa um processo extremamente bem sucedido de profunda reformulação das páginas Web da Universidade, processo esse que conduziu a um dos mais modernos e dinâmicos sítios Web de instituições de ensino superior.

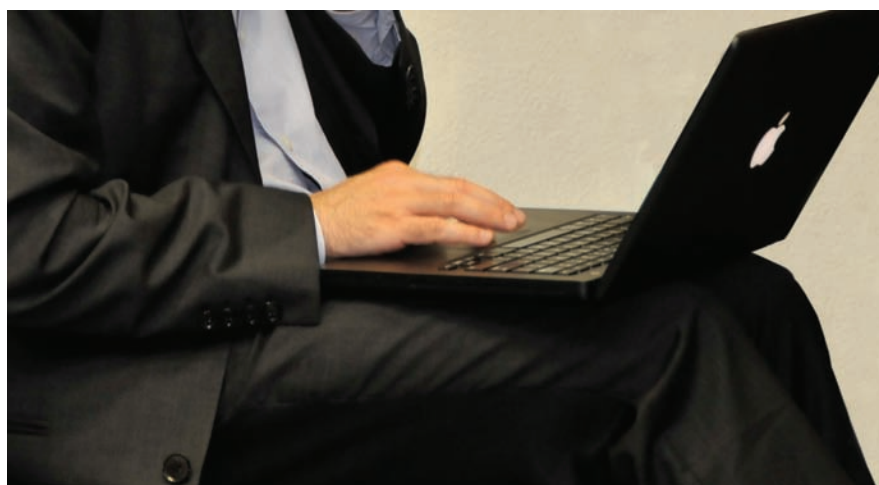
Importa, agora, tirar o maior partido possível deste espaço, enquanto canal essencial de comunicação interna e externa da Universidade de Coimbra, e ao mesmo tempo contribuir para a sua permanente renovação, expansão e dinamização. Boas navegações!

*1 Vice-Reitor*

*2 Director Estratégico para as Tecnologias da Informação e Comunicação*

*3 Coordenador do Centro de Informática*

*4 Coordenador Executivo do Gabinete de Comunicação e Identidade*



“A Arte de Ler”

# Um prémio original

Maria José Azevedo Santos \*

Poucos escritores, que nós conheçamos, têm pensado a escrita do outro lado daquela que fazem, ou seja, a escrita enquanto técnica, saber prático, útil ao Homem, factor de gestão e informação que, enquanto manufactura, assimila os principais ritos de passagem dos homens: nascimento, crescimento ou evolução, e morte. Deste modo, e desde que foi inventada, sucederam-se ao longo de quase quatro milénios, por todo o mundo, gerações e gerações de escritas, todas pessoais, produto do tempo, do espaço e da sociedade que as criou e desenvolveu. Ninguém como Vergílio Ferreira pensou na “vida” das escritas, das escritas dos séculos passados, das suas morfologias, no fundo, da paleografia de leitura, ou seja, na aptidão para ler e transcrever documentos em caracteres gráfico-literais, e com sistemas de abreviaturas, que requerem uma muito especial preparação técnico-científica.

Ouçamos o ilustre escritor: “O significado das palavras não tem só que ver com o que passa pelo seu conceito ou mesmo pelas suas margens e é a sua ressonância emotiva, mas ainda pelo simples aspecto da sua grafia. Se eu transcrever de Mendes Pinto uma frase como «Vimos também hũas barçaças em que vem homẽes e mulheres tãgendo em varios estrumẽtos» e «actualizarmos» para «Vimos também umas barçaças em que vinham homens e mulheres tocando vários instrumentos», não «actualizei» apenas inocentemente a grafia de um texto... mas roubei-lhe devastadoramente quatrocentos anos de vida”.

## Como surgiu o prémio?

Antes de tudo, é fruto de uma Escola, a Universidade de Coimbra, em especial da Faculdade de Letras, onde

há décadas, mestres insignes como Pierre David, Avelino de Jesus da Costa e Rui de Azevedo cultivaram de forma ímpar as ciências da Paleografia e da Diplomática, já então com projecção nacional e internacional. Com Avelino de Jesus da Costa aprendemos “as primeiras letras” e medimos a importância de saber ler e transcrever documentação antiga. Historiadores, juristas, filósofos, nunca atingirão o mais profundo dos seus saberes, se não forem às fontes, fontes manuscritas e originais, aquelas que justamente nos permitem conhecer melhor o passado para reentrar o futuro. Pensamos, pois, que a Universidade de Coimbra, no caso concreto o Arquivo da Universidade (também distrital, para quem não saiba), honrou bem alto o esplendor daqueles conhecimentos ao instituir, pela primeira vez, em 2004, no âmbito da Semana Cultural, um prémio destinado, como consta no Regulamento, “a estimular a Paleografia de leitura e consequentemente o rigor e a originalidade no trabalho de investigação científica”. É anual pelo que em 2009 cumprirá seis anos ininterruptos de vida. A adesão dos estudantes, dos vários graus de ensino, a quem, preferencialmente, se destina, tem sido assinalável. Nas cinco edições já realizadas, o Arquivo recebeu dezenas de candidatos provenientes de inúmeras universidades do país, públicas e privadas, mas também, mais raramente, de Espanha e do Brasil, facto que confere ao prémio uma difusão institucional e geográfica digna de registo. É um prémio original, único no género, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Aos candidatos pede-se que façam uma “prova” escrita de leitura paleográfica de documentos do Arquivo, geralmente dos séculos XV e XVIII. Um júri constituído para este efeito, presidido por inerência pelo

Em cinco de outubro de mil e Setecentos e  
trinta e dois annos dia da s. de Novembro: by  
dizei a Felipe: por appoiam: natural. da Es.  
da Mina e servuo de Dom Mel. Bento. Jo-  
meo. ferra. foram padris dos Joam Baptista  
barbeiro, por procuracao do mesmo D. Mel. e  
sua f. Isabel, todos desta cidade: da freg. de  
San. Tristouam; e por verdade assigne em este  
termo  
Mura. An. Joannes de Lard

Pró-Reitor para a Cultura, avalia as prestações e atribui o prémio, que tem três níveis (1.º, 2.º e 3.º lugares) e é monetariamente estimulante. A entrega é feita pelo Magnífico Reitor, em sessão solene, no Arquivo da Universidade. Ainda que a organização pertença a esta instituição, têm-se mostrado indispensáveis os apoios da Faculdade de Letras (Instituto de Paleografia e Diplomática) e do Centro de História da Sociedade e da Cultura. O alto patrocínio é assegurado,

desde 2005, pela agora designada Fundação Inatel, merecendo todo o nosso louvor e gratidão o senhor João Fernandes, para quem a cultura se ergue sempre como um objectivo e paixão principais. O prémio volta em 2009, porque os Arquivos recolhem a memória mas não a podem deixar morrer. “A arte de ler” é, já, pois, uma marca de qualidade e inovação do Arquivo da Universidade de que muito nos orgulhamos.

\* Directora do Arquivo da Universidade de Coimbra

M. GALINHA  
EM  
COIMBRA. A



# O Prelo do Galinha

A. E. Maia do Amaral

É um prelo metálico fabricado em 1845 por Manuel Bernardes Galinha, um hábil serralheiro de Coimbra, que pertenceu a uma famosa “dinastia” de fabricantes de ferro forjado e fundido, e cuja obra mais conhecida será o portão principal do Jardim Botânico da Universidade.

Como o projecto editorial que estivesse na base desta encomenda não tivesse chegado a concretizar-se, o prelo foi vendido ao jornal conimbricense *O Observador*, que aí se imprimiu durante cinco anos. Nos últimos dois da sua edição trissemanal, *O Observador*, que passaria a chamar-se *O Conimbricense* e a tornar-se o mais importante jornal local do século XIX, deixou de ser impresso neste velho prelo e ele foi instalado, em 1852, no Colégio da Trindade.

Nesse local funcionou a loja maçónica chamada *Pátria e Caridade*, que promoveu diversos eventos a favor da Sociedade de Instrução dos Operários. Pode ter sido pontualmente usado para imprimir Programas e cartazes das actividades da SIO, associada à primeira tentativa de constituir uma Universidade Livre, em Coimbra: “A SIO organizou um montepio operário, cursos primários e de nível secundário preenchidos por disciplinas como História da Democracia, Direito, Economia Política, marcando assim flagrante distanciamento face aos currículos liceais.

Alguns dos voluntários com activa participação nestes cursos eram lentes progressistas da UC, como Filipe do Quental (Medicina, 1824-1892), António José Teixeira (Matemática, 1830-1900) e Albino Augusto Giraldes (Filosofia).”

(António Manuel Nunes)

Em 1866, o prelo do Galinha foi comprado pelo tipógrafo Francisco dos Santos e Silva, estabelecido na Rua das Covas, que o venderia pouco depois à Biblioteca da Universidade, com a intenção de nele se imprimir os seus primeiros catálogos.

O Dr. Alberto Vilaça escreveu (Tempos de Munda e do Mondego, 2007) que este prelo teria pertencido à Imprensa da Universidade de Coimbra, o que não nos foi possível confirmar, infelizmente.

Sabemos que na década de oitenta do século XIX, ele foi para o edifício de S. Bento, emprestado para produzir as etiquetas do Jardim Botânico.

Da imprensa de intervenção cívica, sob a direcção de José Maria Dias Vieira e de Joaquim Martins de Carvalho, aos catálogos da Biblioteca da Universidade e às modestas etiquetas do Botânico, este objecto atravessa mais de um século de labor cultural do melhor escol da Cidade e da sua Universidade.

Hoje encontra-se em exposição na entrada do Cárce-re Académico, nos fundos da Biblioteca Joanina.

\* Director Adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

# Finalistas de Jornalismo da UC estagiam no Oriente

Martha Mendes (em Macau)

Raquel, Olga e Diana são três pessoas muito diferentes, mas têm uma coisa em comum. Todas tiraram o curso de Jornalismo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e todas foram estagiar para Macau, ao abrigo do protocolo de estágios entre a FLUC e o jornal “Tribuna de Macau (JTM)”. A experiência, acreditam as três, pode bem ter mudado o rumo das suas vidas para sempre.

É um edifício com muita luz, o que alberga a redacção do jornal “Tribuna de Macau” — “A Tribuna”, como é conhecido por terras do Oriente com cheiro a Portugal. Actualmente, a equipa que todos os dias põe na rua o jornal é composta por seis jornalistas, mais o director-adjunto, Sérgio Terra, e o director, José Rocha Dinis. Todos, sem excepção, são “licenciados de Coimbra”, como Rocha Dinis gosta de sublinhar. Rocha Dinis, natural de Mira, está há quase 30 anos em Macau. Depois de terminar a licenciatura em História na FLUC, enveredou pelo jornalismo, de onde nunca mais saiu. Na altura em que recebeu a proposta para vir fundar um jornal português em Macau, já era sub-chefe de redacção do semanário “O Tempo” e tinha dois programas na RTP — um sobre turismo e outro onde, semanalmente, entrevistava uma personalidade política. Um dia veio ao território, em serviço. Deixou um cartão a um advogado que queria entrevistar, Jorge Neto Valente. Não chegou a conseguir a entrevista, mas com este gesto, estava a mudar a estória da sua carreira. Passado uns meses recebe o convite — “foi mais um ultimato!”, recorda o director, sorridente — para vir fundar o JTM. “E porque não? Porque não Macau?”, pensou.

Nesse instante, estava a mudar o rumo da sua vida e da vida de tantos outros que acabariam por fazer o mesmo percurso, pela mão do homem que um dia decidiu arriscar.

## As recém-chegadas de Coimbra

Raquel Carvalho, 22 anos, entregou em Setembro o trabalho final de curso. Para ser licenciada só lhe falta entregar o relatório de estágio, quando regressar a Coimbra. De cabelo escuro, muito comprido, e olhos expressivos, vai contando, tímida, a estória que a trouxe a Macau. Ao contrário da maioria dos colegas só decidiu vir à última hora. “A hipótese de concorrer para a ‘Tribuna’ foi colocada muito pouco tempo antes da entrevista para o lugar e só quando fui aceite é que se tornou uma decisão definitiva”, conta, minutos antes de sair para cobrir o torneio de golfe “Macau Open”. Como conta a jovem de Miranda do Corvo, “Macau era a única possibilidade de estagiar no estrangeiro sem ser através de auto-proposta” e isso pesou na decisão porque “era um desejo sair de Portugal e estar a morar noutra país durante algum tempo”. Agora que está em Macau, “definitivamente um continente diferente!”, não esconde que “ficar por aqui é uma possibilidade como outra qualquer”.

Olga tem a mesma idade de Raquel, mas é muito diferente da colega. De cabelo claro, com os olhos azuis-céu, a estagiária de Ponte de Lima vai falando, descontraída e sorridente, sobre a “aventura macaense”. Ao contrário de Raquel, Olga decidiu vir assim que soube do protocolo. “Sempre quis vir, nunca hesitei”,



recorda. Na decisão pesou o facto do estágio na “Tribuna” ser um período muito intenso de trabalho, “uma grande aprendizagem”, mas também o facto de querer conhecer melhor a cultura asiática. “Sempre me fascinou”, explica. Para já, não pondera ficar por Macau. Mas tem a certeza de que vai levar “muitas coisas boas” do estágio. Desde logo, “uma cabeça mais aberta para outras culturas e realidades e liberdade para ir para outros sítios quando sair daqui”. Se lhe pedirem para descrever Macau, a resposta sai-lhe pronta. “Macau é pequeno, mas é grande. É pequeno em termos territoriais, mas é grande em termos de diversidade, de culturas e de novidades”, garante. A autora destas linhas, também estagiária no JTM, acrescentaria apenas que Macau é uma cidade de pessoas sorridentes e afáveis, uma humidade que se cola à pele e um calor que não dá descanso ao corpo, sempre em movimento no buliço agitado das ruas. Tanto na cidade como dentro deste edifício cheio de luz, cresce-se todos os dias e todos os dias são uma porta aberta para novas descobertas. Como lhe disse, há uns dias, uma fonte, “Macau é uma doença de pele”. daquelas que ficam para sempre.

### **Diana, a veterana**

“O estágio correu tão bem que aceitei ficar; o ‘JTM’ é realmente uma escola”. É assim que Diana do Mar, 23 anos, natural de Gaia, explica a sua inesperada decisão de ficar a viver em Macau, onde pertence ao quadro da “Tribuna”. Quando chegou, há mais de um ano e meio, tudo era “novo e diferente”. O primeiro choque foi com a sujidade das ruas, o excesso de pessoas e a entrada no mundo de trabalho. “Na universidade temos noções diferentes das coisas; depois, chegamos aqui e acabamos por ter de esquecer muitas das coisas que aprendemos. No mundo do trabalho as coisas não são bem como nos ensinam na teoria”, reflecte Diana.

Diana tem um rosto de traços fortes, que condiz com a personalidade de lutadora que se lhe percebe ao

fim de pouco tempo. Ainda sempre com a máquina fotográfica pendurada ao pescoço e é rápida ao teclado do MAC onde trabalha, sentada em frente à Raquel. O futuro ainda é incerto, mas para já fica por Macau: “Nos planos a curto prazo não penso regressar a Portugal; mas a longo prazo penso regressar à Europa”. A decisão de ficar no Oriente foi unicamente motivada por questões profissionais. “Há muitas coisas interessantes em Macau e aqui faço trabalhos que não teria oportunidade de fazer se estivesse em Portugal. Ou então teria de esperar dez anos para os fazer”, explica, acrescentando que “a experiência de estar aqui é muito boa, desde logo por causa das adversidades, a questão da língua, as dificuldades de me movimentar, de conhecer as pessoas... Logo aí ganho uma tarimba que em Portugal nunca teria”, conclui. E, mais uma vez, é a lutadora a falar por ela.



obrigação, gosto, necessidade

# Divulgação Científica

Cláudia Maria Fragão Pereira \*

A crise das vocações científicas e a multiplicidade de oferta, bem como a baixa cultura científica da população em geral, torna urgente a motivação para a Ciência junto dos jovens. Neste âmbito, o Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) da Universidade de Coimbra tem promovido nos últimos anos actividades de divulgação científica, dirigidas essencialmente a crianças do ensino básico e jovens do ensino secundário, graças ao empenho e dedicação de vários dos seus membros, e contando com o apoio de várias instituições internacionais e nacionais. A Semana Internacional do Cérebro, uma iniciativa internacional anual organizada na Europa pela *European Dana Alliance for the Brain*, realiza-se em cada Março, com o objectivo de divulgar progressos da investigação científica na área do cérebro. Em Portugal a Semana Internacional do Cérebro é organizada pela Sociedade Portuguesa de Neurociências em colaboração com a agência nacional para a divulgação científica e tecnológica Ciência Viva. As actividades organizadas pelo CNC desde 2004 incluem, por exemplo, visitas a laboratórios de investigação (“Laboratórios Abertos”) de modo a promover o contacto entre os estudantes e os (neuro)cientistas no seu local de trabalho e sessões em escolas dos vários níveis de ensino (“Os Neurocientistas vão às Escolas”). Se para divulgar o gosto pela língua se levam escritores à escola, em ciência levem-se cientistas... Nas escolas do ensino básico são realizadas várias actividades, incluindo jogos, pintura, puzzles, modelagem com plasticina, apresentações

sobre estrutura/função cerebral, células nervosas, os cinco sentidos, um cérebro saudável, o cérebro e a matemática. A nível do ensino secundário são organizadas palestras, com o objectivo de promover o contacto com cientistas para partilha da sua experiência real, e chamar a atenção dos jovens para temas actuais de Ciência que não estão incluídos nos programas escolares, ou abordando-os noutra perspectiva.

No âmbito da Universidade de Coimbra o CNC estabeleceu uma colaboração com o Museu da Ciência que tem permitido oferecer a escolas do ensino básico e secundário um vasto conjunto de actividades no âmbito de Semana Internacional do Cérebro que são aceites pelos jovens com grande curiosidade e entusiasmo, incluindo Conferências interdisciplinares com componente prática (“Cérebro e Matemática” e “Cérebro e Sociedade”), exposições interactivas (“O cérebro: da anatomia ao comportamento”), divididas em temas (“O cérebro como um jogo”; “Cérebro e neurónios: Como é que eles são?” ; “Cérebro, drogas e comportamento”) e Ateliers para crianças do ensino básico (“Cérebros à solta no Museu”). Por ano cerca de 1000 crianças e jovens participam nestas actividades. Com implicações mais fundas, a Ocupação Científica de Jovens nas Férias proporciona aos estudantes do ensino secundário uma oportunidade de aproximação à realidade da investigação científica. Durante duas semanas que “roubam” às suas férias de Verão, os alunos têm oportunidade de conhecer as instalações do CNC, seguir os projectos científicos





que estão a decorrer assistindo às experiências, mas também, e mais importante, de desenvolver o espírito científico ao realizarem o seu próprio projecto de investigação participando em todo o processo: colocar uma questão científica, escolher o modelo para o estudo, planear as experiências e efectuá-las, recolher e tratar os dados obtidos, apresentá-los e discutí-los oralmente com outros investigadores. E fazem-no com tal à vontade, entusiasmo e dedicação que dificilmente se distinguem dos alunos de pós-graduação. A experiência é profundamente enriquecedora, não só para os alunos porque contactam directamente com a realidade da investigação científica mas também para os cientistas, apesar da “intromissão”. A verdade é que ao fim destes anos (já lá vai mais de uma década), centenas de jovens do ensino secundário provenientes de várias escolas de Norte a Sul de Portugal já passaram pelos laboratórios do CNC. Em 2007, aderimos à experiência piloto de intercâmbio com Espanha no programa de ‘Ocupação Científica nas Férias’, uma iniciativa única a nível europeu, tendo recebido um grupo de jovens espanhóis. O estágio para alunos espanhóis e portugueses revelou-se

uma experiência muito gratificante para ambas as partes, que permite desenvolver o contacto e a partilha de ideias e vivências entre os jovens de escolas de diversos locais do país e de países diferentes, com características e dinâmicas distintas.

Ao colocar os jovens em contacto directo com os cientistas e os locais onde se faz ciência é nosso objectivo combater a imagem perpetuada do cientista como alguém com aspecto alucinado, que vive fora da sociedade e que só se interessa por ciência. O contacto é também essencial para ajudar os jovens a tomar decisões acertadas quanto à sua carreira, permitindo-lhes testar os seus interesses e vocações.

Este tipo de actividades deverá ser fomentada pelas universidades e centro de investigação de modo a desenvolver projectos e procurar meios de apoio à divulgação científica de forma a deixar transparecer a Ciência que é feita e dar a conhecer os seus intervenientes, contribuindo assim para a motivação e formação dos jovens. O CNC pretende continuar a fomentar actividades deste âmbito pois acredita que divulgação bem feita pode dar frutos a longo prazo, na valorização das instituições que a promovem.

*\* Investigadora Auxiliar Faculdade de Medicina & Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra [ cpereira@cnc.cj.uc.pt ]*

# Memórias de “Dolly”

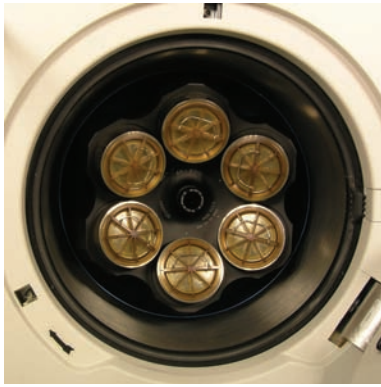
(1996-2003)

João Ramalho Santos \*

O mais famoso artigo científico envolvendo uma ovelha foi já publicado há mais de uma década, o tempo que temos de ovelha “Dolly”. Talvez o mamífero não humano mais irritante da contemporaneidade, não tivesse já falecido (encontra-se empalhada no Royal Museum de Edimburgo). Mas, para além de irritante, é bom admitir que “Dolly” foi também um dos animais mais emblemáticos de sempre. Por partes: “Dolly” foi o primeiro mamífero a nascer após colocação de ADN contido no núcleo de uma célula adulta de um indivíduo no interior de um ócito ao qual tinha sido removido o respectivo material genético. Depois o desenvolvimento deste embrião reconstruído foi activado, e esperou-se que o conteúdo do ovócito “re-programasse” o núcleo, de modo a que o ADN nele contido pudesse dar origem a um novo ser. Um indivíduo que seria, deste modo, (quase) geneticamente idêntico ao indivíduo adulto do qual foi retirada a célula dadora de ADN. Em suma, um clone. Esta experiência não surgiu do nada, veio na sequência de ensaios iniciados nas décadas de 1950. Mas “Dolly” foi o primeiro caso de sucesso utilizando uma célula de um indivíduo adulto. Ou seja, um indivíduo cujas características eram conhecidas. E cujos clones, teriam, em princípio as mesmas características. O objectivo principal da tecnologia era a aplicação agro-pecuária e biotecnológica, onde a reprodução sexuada corre sempre o “risco” de “diluir” uma característica favorável. Mas o imaginário colectivo virou-se para outros horizontes, humanos.

Para a multiplicação de génios e ditadores, actrizes e futebolistas, vivos ou falecidos. Gerando tanta controvérsia que a própria palavra “clonagem” ganhou ressonâncias desagradáveis, de modo a tentar falar-se antes de “transferência nuclear somática”, Se isto parece um jogo de semântica, é bom não esquecer o poder dessa mesma semântica: faça-se o exercício, por exemplo, com “aborto” e “interrupção de gravidez”. O nascimento de “Dolly” constituiu um chamado “proof of principle”. Citando Popper, dizer que existe a possibilidade de uma célula adulta dar origem a um novo ser, por mais ínfima que essa possibilidade seja, é completamente diverso de se crer que tal é impossível. Um balido de “Dolly” estilhaçou pois um dogma. Mas porque foi (também) uma ovelha irritante? (Quase) Pelos mesmos motivos. Um deles tem a ver com uma palavra simples. “Uma”. Das centenas de embriões utilizados nasceu uma ovelha. Analisada até à exaustão, sobre a qual se desenvolveram inúmeras teorias. Conclusões baseadas numa só ovelha, que qualquer aluno principiante, noutras circunstâncias, saberia classificar como altamente especulativas. Depois, porque ninguém se deu ao trabalho de explicar o que é que “proof of principle” não significa. Não significa que seja fácil, não significa que nasçam muitos indivíduos, Na verdade, basta um(a).

Não deixa de ser interessante que tudo isto tenha acontecido perto de uma passagem de século/milénio, terreno fértil para gongorismos. Se em 1900 o fisiologista



Jacques Loeb tinha aparecido nas primeiras páginas por, segundo a imprensa da época, ter descoberto a “Imaculada Concepção” (descobriu a partenogênese, o desenvolvimento de óvulos de ouriço do mar sem fertilização por um espermatozóide), cem anos depois “Dolly” fundou uma das primeiras grandes histerias do milénio. Mas nenhum dos cenários catastrofistas se concretizou, pelo menos em termos humanos. E isto por uma razão simples: o sucesso da técnica é hoje tão baixo como quando nasceram os primeiros animais, raramente acima de 5%, mais habitualmente na orla de 1%, registando-se ainda muitas anomalias no desenvolvimento dos clones (não em todos, na maioria) e diferenças entre espécies. Tais taxas e riscos podem ser aceitáveis em espécies onde há muitos ovócitos disponíveis e menos problemas éticos, no caso humano isso não é tão linear. Um pouco por isso a investigação em humanos concentrou-se, não na obtenção de um indivíduo, mas de embriões. A ideia por detrás da chamada “clonagem terapêutica” é utilizar os embriões clonados, não para produzir um clone de um dador de ADN, mas células e tecidos que esse mesmo dador necessite, e que, por conterem a mesma informação genética, não seriam rejeitados se aplicados em eventuais transplantes. No entanto, e para além de inúmeros

problemas técnicos, esta investigação é condicionada pela pouca disponibilidade de ovócitos humanos, a que se juntou depois (em 2005) a desmoralizadora fraude cometida por cientistas sul-coreanos. Diga-se: uma fraude importante, mas cujas dimensões públicas estiveram mais relacionadas com o tipo de investigação do que com a fraude científica em si. Embora a investigação prossiga, duas outras alternativas surgiram recentemente: o uso de ovócitos de bovino (em substituição de ovócitos humanos), e a possibilidade de se “reprogramarem” directamente núcleos de células adultas, sem a necessidade de ovócitos. Permanecem dificuldades: no primeiro caso há uma mistura entre material humano e de bovino (talvez se possa falar em embriões de “Minotauro”...), no segundo é de momento necessário introduzir nas células sequências de vírus, o que pode trazer outro tipo de riscos. Mas não deixa de ser um erro pensar que o Bravo Novo Mundo pós-“Dolly” nunca se materializou. Para além destes novos desenvolvimentos foi já dada autorização para o consumo de carne de animais clonados, não porque seja mais barato, mas porque o investimento na tecnologia pede retorno, nem que seja em bitoques. Os Bravos Novos Mundos não se materializam. Vão-se materializando.

# Breves

## Círculo de Artes Plásticas e futuro O CAPC depois dos 50

Quando me pediram para escrever sobre os 50 anos do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), confesso que fiquei por algum tempo sem saber como o fazer. Não por falta de assunto, ou envolvimento, mas talvez por excesso.

Apesar de só ter começado, como artista plástico, a ter uma maior aproximação ao CAPC nos anos 90, vivi a sua presença visitando as suas exposições nos anos 80, e, sobretudo, fascinado com a ficção que dele eu fazia então. Para mim, como artista, ou jovem projecto de artista, o CAPC era aquele lugar misterioso onde aconteciam coisas, suspenso noutra dimensão numa cidade que lhe era estranha, mas da qual simultaneamente vivia, como se esta fosse uma moldura conservadora mais ou menos dourada a folha de ouro, ou mera purpurina, numa colagem de Kurt Schwitters. E gostava de me sentar numa mesa do café Santa Cruz por breves minutos, para dizer olá e mais qualquer coisa, com o António Barros, a Isabel Carlos, o Rui Órfão, a Luísa Saldanha. Eu não era sócio do CAPC (e ainda hoje não sou), mas a sua existência já era suficiente para melhorar substancialmente a minha relação com esta cidade. De facto, o CAPC permanecia uma espécie de reduto de resistência de uma cidade que, sem ele, numa imanente recusa de criatividade, se arriscaria a manter-se uma mera caricatura de si própria.

Nessa altura eu também tive o privilégio de viver outro CAPC, esse dos anos 70. Vivi-o à mesa do café, mas de outro café, nas conversas com o Armando Azevedo. Na veemência do seu discurso, o Armando era, e é, arrebatador, fazendo-me acreditar na produção artística como se ela fosse um imperativo ético!

Foi sobretudo o carácter seminal, e a dimensão performativa dessa década assim revivida que me fez acreditar na possibilidade dos artistas ultrapassarem o espaço do seu atelier para participar numa ideia de arte, fascinantemente romântica e missionária, que se propõe como verdadeira produção de pensamento, na ultrapassagem de quaisquer constrangimentos. E, dessa década do CAPC, vinham os exemplos da Túlia Saldanha, do Ernesto de Sousa, do João Dixo, do Alberto Carneiro, do Ângelo de Sousa... personagens que, aqui, numa memória que acabei por assimilar como se fosse minha, pareciam gozar de um efeito CAPC que, em muitas delas, parecia extrair o seu melhor, no efeito multiplicador de uma vivência estética colectiva.

No princípio dos anos 90 comecei a viver o CAPC mais por dentro. O seu novo director, Victor Diniz, perante as novas realidades da cena artística portuguesa, amplia a dimensão do CAPC como atelier (cuja dimensão local começava a perder sentido), para ser o principal espaço de visibilidade para o que de mais estimulante e activo existia e que não se conformava com o espaço das galerias e instituições de então.

É nessa dinâmica que entro no CAPC, no prazer de participar numa transformação da dimensão urbana deste lugar, como se eu, vivendo em Coimbra, participasse nesta invasão. De facto, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra assume, também, a condição de que o Círculo de Artes Plásticas é em Coimbra!

Nesse renovado optimismo, é restaurada a velha casa da rua Castro Matoso e, mais tarde, são criadas as novas instalações no Jardim da Sereia, que, com o seu auditório e livraria, se assumem numa manifesta procura de maior comunicabilidade, acreditando na eficácia da sua dimensão urbana, acreditando que a própria cidade se está a renovar, testando, assim,





a renúncia inconformista a uma marginalidade a que, involuntariamente, estaria votado, não no país, mas na sua cidade.

São o Carlos Antunes e a Desirée Pedro, os arquitetos do *Atelier do Corvo* que desenharam este novo espaço do CAPC que, agora que começamos a comemorar os seus 50 anos, gostariam de propor a utopia de um novo lugar. A construção de um CAPC sobre a antiga ponte da Portela, renovando a ponte abandonada e suspendendo-o, assim, numa ponte.

Como ideia e como utopia, nada melhor como espaço físico para a arte do que uma ponte. E ninguém melhor para o imaginar que estes dois sócios de um CAPC que, nas múltiplas contaminações, muito terá contribuído para o seu talento. Nesta década sem década, condição dos primeiros anos de um século, a arte sofre de uma dificuldade de classificação que não existia quando podíamos falar nos 50's, nos 60's, nos 70's, nos 80's, nos 90's, e que, então, miraculosa-

mente, parecia bastar enunciar o nome de uma década para a visualizarmos em síntese e maximalização sinestésica. Mas, ao mesmo tempo, neste olhar também para o passado que o CAPC faz agora quando comemora a sua longevidade, mais do que participar no absurdo de qualquer crise de identidade desta não-década, pode ser potenciada uma lucidez revitalizada, onde a dimensão meta-artística deste lugar pode ser sublinhada e renovada, pela solidez de uma identidade que resiste ao tempo por não lhe resistir. Talvez a suspensão histórica deste tempo seja motivo para uma nova consciência de um espaço onde a arte se faz e pensa. E nada melhor como comemoração dos 50 anos do CAPC do que, entusiasticamente, imaginar o seu futuro. E o CAPC tem esta coisa de fazer crer aos que por ele passam, sobretudo aos que nele se envolvem, que este lugar lhes pertence, porque pertencem a este lugar.

*António Olaio*





## Jorge Serrote é o novo presidente da AAC

Jorge Serrote é o novo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), cargo em que substitui André Oliveira, que não se recandidatou a segundo mandato. Serrote só viu confirmada a vitória após a contagem dos votos por correspondência, uma vez que a soma destes era superior aos 63 votos que, após a segunda volta, separavam o 101.º líder da AAC do seu adversário, Alexandre Leal. Tudo contabilizado, a diferença cifrou-se em 74 votos, uma das mais pequenas de sempre, na histórica Associação. No total, foram verificados 194 envelopes, dos quais apenas 135 foram considerados válidos. Destes, 68 foram para Serrote e 57 para Leal. Nas urnas, Jorge Serrote obtivera 3476 votos, correspondentes a 45,98 por cento, e Alexandre Leal 3413, equivalentes a 45,15 por cento. Verificaram-se, ainda, 505 votos em branco e 166 nulos.

Serrote, estudante da Faculdade de Direito e membro do Senado universitário, é natural de Estremoz e tem 23 anos. Candidatou-se pela lista A, que se apresentou aos mais de 15 mil estudantes da Universidade de Coimbra com a sigla “É preciso acreditar!”. Exerceu funções de vice-presidente da direcção cessante e presidiu à Comissão Central da Queima das Fitas em 2007.

Após a vitória, confirmada a 5 de Dezembro, Jorge Serrote garantiu à imprensa que as mudanças não serão muitas. No plano pessoal, disse, é somente “o subir de um degrau”; no colectivo, o projecto é “continuar” o trabalho que tem vindo a ser efectuado pela direcção presidida por André Oliveira, cujo balanço não hesita em considerar positivo. Melhorar a qualidade de ensino; potenciar o desporto universitário; e combater o afastamento dos estudantes em relação ao associativismo, são as prioridades assumidas pelos novos dirigentes.

O candidato derrotado é estudante da Faculdade da Economia e também integrou a direcção cessante. “Sente”, foi a sigla da sua lista — a E. Perante os jornalistas, Alexandre Leal recusou utilizar a palavra “oposição” para definir a sua atitude futura, optando

por se apresentar como “o primeiro a ajudar naquilo que for necessário”. JM

## Iniciativa da FLUC Semana chinesa em Coimbra

As actividades iniciaram-se com uma exposição. Passou-se pela arte, pela gastronomia e pela cultura. Terminou-se no cinema, com algumas lágrimas contidas. De 24 a 28 de Novembro, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) acolheu a Semana da Língua e Cultura Chinesas. Organizado pelo curso livre de Língua e Cultura Chinesas da FLUC, o evento reuniu uma variedade multicultural de curiosos.

Com o objectivo de dinamizar os conhecimentos adquiridos nas aulas de chinês, a semana conquistou o público e deixou desejos de um próximo regresso. A professora do curso livre, Tan Queming, revelou ser este um projecto antigo. Este ano, por fim, teve “conhecimento que o Gabinete Nacional da China para o Ensino da Língua Chinesa a Estrangeiros podia ajudar” e avançou-se. Contudo, explicou, “nem todos os anos será possível fazer”. Foi um empreendimento encarado “por inteiro”, de modo “a ajudar os alunos a entender a língua e cultura chinesas”, destacou a professora. Ao mesmo tempo, rematou, promoveu-se a “comunicação” entre as “culturas ocidental e oriental”. A semana abriu com uma exposição sobre caligrafia chinesa no átrio da FLUC. Na terça-feira, o director-adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Maia do Amaral, protagonizou uma conferência sobre o tema “Um país, dois sistemas na arte popular chinesa”. Quarta-feira, o bar da FLUC acolheu uma mostra de gastronomia tradicional, com a presença de um mestre cozinheiro. Os alunos do curso livre exibiram os seus conhecimentos na quinta-feira, numa festa de variedades. O ciclo encerrou no dia seguinte, com a mostra do filme chinês “Carta de uma Desconhecida”.

Após a distribuição de prémios pelos melhores alunos, o penúltimo dia contou com a participação de António Rebelo, do secretariado do Centro de Línguas da FLUC. No todo, destacou “um programa muito atraen-



te, com aspectos que poderão polarizar as pessoas a interessarem-se pela cultura chinesa”. Estas iniciativas, esclareceu ainda, são “muito importantes para a divulgação para o exterior da Universidade de Coimbra, mas também para atrair as pessoas aos cursos”.

Um semana de descoberta, com aplausos e exclamações de satisfação. Tanto dos portugueses, como dos chineses.

*Cláudia Gameiro*

### **Conferência internacional de Geocientistas lusófonos**

Os comités nacionais para o Ano Internacional do Planeta Terra de Portugal, Brasil, Moçambique e Cabo Verde e as instituições geocientíficas e geocientistas presentes na Conferência Internacional “As Geociências no Desenvolvimento das Comunidades Lusófonas”, que teve lugar em Coimbra, no Outono, apelaram aos respectivos governos que aumentem os orçamentos dos seus países em formação investigação, “dando especial atenção à preocupan-

te fuga de cérebros” que “vem enfraquecendo fortemente o sistema lusófono de investigação”. O apelo consta de um documento de pouco mais de duas páginas, no qual se reclama da Comissão Europeia e da União Africana, paralelamente, um plano estratégico para o desenvolvimento equilibrado das geociências na comunidade dos países de língua portuguesa, “como ferramenta essencial para a implementação da Plataforma de Cooperação”, acordada em Luanda, em Abril de 2008.

O documento, conhecido como “Declaração de Coimbra sobre o Desenvolvimento das Geociências na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”, foi aprovado ao fim de dois dias de uma conferência que integrou quatro palestras e 72 comunicações, tendo contado com a presença de personalidades como Mário Soares, doutor “Honoris Causa” pela Universidade de Coimbra, e Manuela de Melo, presidente do grupo de parlamentares conexo com a UNESCO. Isto, além de representantes dos governos e das autarquias, do empresariado, das instituições de ensino e de investigação, de organizações profissionais e científicas, de estruturas estudantis e de antigos estudantes da Universidade de Coimbra — “berço” da primeira cátedra de Geologia no mundo lusófono. Aliás, terá sido esta pluralidade de participações que permitiu a Maria Helena Henriques, presidente da Comissão Organizadora da Conferência e coordenadora do Comité Português para o Ano Internacional do Planeta Terra, concluir, logo na sessão de abertura: “Afim, é possível misturar lusofonia com geociências, com enriquecimento substantivo inequívoco de ambos os conceitos!”

Já no encerramento, Helena Henriques queixou-se de que “a cooperação entre geocientistas da CPLP encontra, frequentemente, muitas pedras no caminho”. Garantiu, contudo, que os promotores da iniciativa não desistirão, anunciando até uma II Conferência para 2009. “Espera-se, de todos, tomadas de decisões, significativas e urgentes, que ajudem a retirar as pedras do caminho da cooperação”, disse a professora universitária coimbrã, antes de dar a palavra à decana do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



# Ao Largo

ENTREVISTA

RETRATO DE CORPO INTEIRO

CRIAÇÃO LITERÁRIA

LUGAR DOS LIVROS



João Lopes, 35 anos de crítica cinematográfica

# Infelizmente, hoje, muita gente vai ao cinema como se estivesse na sala de estar de sua casa”

João Mesquita

“Isto é uma perda enorme”, diz com frequência, referindo-se ao que entende ser a “desvalorização do cinema como arte específica”, a “contaminação da imprensa pelos valores tablóides”, ou o desaparecimento de publicações cinéfilas. João Lopes, 54 anos, natural de Caldas da Rainha, não tem problemas em assumir-se como “um céptico”. Mas, ele que é um dos mais antigos críticos cinematográficos em funções em Portugal, continua a falar da arte com uma paixão que parece inesgotável. Duas horas e tal de conversa com a Rua Larga provaram-no, mais uma vez. Duas horas e tal em que o jornalista, iniciado no velho “República” em 1973, coloca Seixas Santos, Fernando Lopes e Manuel de Oliveira entre os realizadores portugueses preferidos (do estrangeiro, fala em Godard e em Bergman), assegura não ter críticos de referência, confessa que vê uma média de 20 filmes por mês (só em sala escura) e confessa gostar de música e de futebol.

Foi um dos participantes nos Colóquios de Outono da Universidade de Coimbra. Que balanço faz da iniciativa?

Já não é a primeira vez que participo numa iniciativa da Universidade de Coimbra. Esta última, permitiu-me confirmar uma impressão de agradável disponibilidade para reflectir sobre a vida artística contemporânea e, designadamente, sobre o mundo da imagem e do cinema.

O que foi mais importante, para si?

Acima de tudo, a criação de um espaço onde foi possível discutir, independentemente de eventuais barreiras professores - alunos.

Tem outras experiências de colaboração com a Universidade de Coimbra?

Há uns cinco anos, participei nuns colóquios promovidos pela cadeira de cinema. Também foi muito interessante.



### É um dos mais antigos críticos de cinema em funções. Que ideia tem da crítica cinematográfica, hoje, em Portugal?

(Risos). Tenho uma ideia muito céptica... Talvez seja importante começar por perceber as enormes alterações produzidas no consumo de cinema. A generalização de formas como o vídeo e o DVD provocou uma certa banalização. Na minha geração, a relação com o cinema fazia-se, sobretudo, através da sala — uma experiência única, que seria importante não perder em termos culturais. A evolução que se verificou foi paralela a uma involução na crítica. Desde logo, devido à diminuição do espaço que lhe é dedicado. Na presente conjuntura, acabou por aparecer um tipo de texto que, na melhor das hipóteses, é uma informação. Ocorreu uma desvalorização do trabalho crítico. Um segundo aspecto tem a ver com a internet: um caldeirão onde cabe tudo, com predominância dos discursos impressionistas, sem memória histórica.

### Essa involução, como lhe chama, era inevitável?

Não. Isto depende sempre das opções que se fazem. Hoje, a raiz das opções está na televisão e não no cinema. Repare que este foi excluído dos horários nobres televisivos. Foi substituído pela telenovela e pela sua linguagem moralista, em muitos aspectos.

### Ainda não respondeu ao cerne da pergunta: como avalia a crítica cinematográfica em Portugal?

Resisto à ideia de que exista uma crítica, enquanto identidade. O que existe são críticos. Não consigo dizer se a crítica é boa ou má. Apesar de tudo, continuamos a ter um leque de discursos críticos relativamente variados. O tipo de discurso, atento à especificidade do cinema, é que diminuiu.

### O problema não se põe da mesma maneira no estrangeiro?

Reflecte-se mais cá. A nossa imprensa, por exemplo, está mais contaminada pelos valores tablóides.

### Mais do que a inglesa?

Sim, sim. Mesmo em Inglaterra, há o “Times”, o “Guardian”... E então, pensando na imprensa francesa ou espanhola, ela não é nada assim. Outro índice é o desaparecimento de publicações especializadas em cinema.

### E de cinema português, como vamos?

Mais uma vez é preciso não reduzirmos a questão à existência de filmes bons ou maus. O mais importante é que continua a não haver uma base estável de produção. Claro está que a situação de hoje é melhor do que há dez anos. Mas os profissionais continuam a queixar-se de que é sempre preciso começar do zero. Além disso, o mercado cresceu à custa da concentração de salas nos grandes centros urbanos e nos multiplays, em detrimento dos pequenos centros, onde as salas quase desapareceram, como desapareceram, nos grandes centros, as salas especificamente vocacionadas para a exibição de cinema. Isto é uma perda enorme.

Que consequências tem essa circunstância de hoje se ver cinema, principalmente, na televisão, ou em centros comerciais, a comer pipocas e a beber coca-cola?

Podem resumir-se no desaparecimento de um certo modelo de espectador: o espectador que tem uma relação regular e informada com o cinema. Foi substituído por um outro, que eu chamaria de acidental. A sua ida ao cinema depende muito das promoções, das campanhas publicitárias, e de coisas do género, que fazem com que a escolha dos filmes seja, também ela, acidental.

A minha pergunta era, precisamente: e que consequências é que isso acarreta?

Representa uma enorme perda cultural, que se traduz na desvalorização do cinema como arte específica, essencialmente devido à ligeireza na forma de o encarar. Infelizmente, hoje, muita gente vai ao cinema como se estivesse, simplesmente, a prolongar o seu espaço na sala de estar de casa. Muitos espectadores ignoram, verdadeiramente, o prazer de ver cinema.

Faliu, de todo o modo, a ideia de que o vídeo e o DVD vinham dar cabo do cinema.

Olhe que essa não é uma questão resolvida. É uma hipótese radical que continua no horizonte. Antes de mais, por razões económicas. Hoje, a maioria dos filmes têm a sua grande receita depois da exibição nas salas, através do vídeo, do DVD, da televisão... Há quem acredite numa reabilitação das salas. Mas estas sofreriam uma espécie de globalização, funcionando basicamente como enormes receptoras, à semelhança do que se passa com as grandes salas de televisão. Isto será outra coisa que não o cinema, tal como o conhecemos. Não sei bem o quê, mas provavelmente vamos ter que usar outro nome.

O João tem o que se chama o filme da sua vida?

Já uma vez me perguntaram isso. Respondi: “Lilith”, um melodrama de 1964, do norte-americano Robert Rossen. Marcou-me muito, talvez porque o vi quando vim viver para Lisboa, no princípio dos anos de 1970.

O que é que o entusiasmou assim tanto?

Provavelmente, o facto de nunca ter visto ninguém filmar o “amor louco” daquela maneira. Estas apreciações são sempre um bocado irracionais. Agora, a cinefilia corresponde, precisamente, a essa disponibilidade — que a maioria dos espectadores, hoje, não têm — para continuar a descobrir.

O João Lopes também é jornalista e professor. Como vê o chamado “jornalismo cultural” em Portugal?

Vejo-o numa perspectiva ampliada, relativamente ao que disse sobre o cinema. O espaço para a abordagem da vida cultural diminuiu drasticamente na comunicação social portuguesa. Também aqui sou muito céptico. Os maiores interesses económicos não estão interessados numa aposta dessas. E depois, quer queiramos quer não, o mercado é pequeno. Embora o jornalismo que se faz atenda muito pouco a certos nichos.

“Provavelmente,  
vamos ter  
que usar  
outro nome  
para o cinema”

### O que pode tornar a opção dominante bastante discutível...

Sim, sim, muito discutível, até, do ponto de vista comercial. Mas sabe como é, privilegia-se o que funciona no imediato, o instantâneo, esquecendo-se que não existe um público, mas públicos. É preciso não olhar para esses públicos como se fossem rebanhos. Dou muitas vezes o exemplo de Espanha, onde já se chegaram a produzir cerca de 100 filmes por ano. Com o apoio da televisão, tal como em França. Isto mostra que é possível crescer, conquistando espectadores.

### E o ensino artístico, como vai?

Já dou aulas há uns anos e tenho observado alguma evolução. Os alunos, hoje em dia, têm muito mais informação e acesso a mais material. Apesar de se notar, por vezes, uma relação meramente accidental com o mundo dos livros. Agora, não há uma relação estável, institucional, entre a escola e o mercado de trabalho. Este problema continua por resolver. São precisos programas neste domínio.

### Qual é o seu realizador português preferido?

Não consigo dar um nome. Dou três, que são referências muito marcantes: Alberto Seixas Santos, Fernando Lopes e Manuel de Oliveira. No primeiro, impressiona-me a capacidade de filmar certas transformações subtis na sociedade portuguesa; o Fernando é alguém extremamente sensível à complexidade das relações humanas; o Manuel de Oliveira é uma pessoa através da qual podemos entender a própria história do cinema. Cem anos de vida, 77 a filmar, impõem respeito!

### E realizador estrangeiro?

Fundamental: Jean Luc Godard. Nos seus filmes, aprende-se sobre a vida, sobre o cinema... Cada obra pode ser uma reinvenção fulgurante. Além disso, é alguém que tem sabido integrar as novas tecnologias, sem perder a identidade. Se quiser outro, talvez Ingmar Bergman. É a prova de que o cinema pode ser um grande instrumento de compreensão da complexidade dos seres humanos. Há uma grande carnalidade na forma como filma. Sentimo-nos muito próximos daquilo tudo...

### Em Portugal já houve publicações cinematográficas importantes.

#### Estou a lembrar-me, por exemplo, do “Cinéfilo”...

Por acaso, recentemente foi relançada a “Première”... Mas não é fácil rentabilizar estas publicações em termos económicos. O peso das revistas cor-de-rosa é assustador! Isso afecta as condições de funcionamento de todo o mercado da comunicação social.

### Quantos filmes vê em média, por mês?

(Pausa). Talvez uns 20... Talvez mais... Não, 20 é uma média razoável. Em sala escura, claro.

### Pode dizer-se que tem o “vício” do cinema?

O que é um vício? É uma coisa condenável, do ponto de vista moral?

É uma coisa sem a qual não se pode passar — sem qualquer julgamento moral.

Para mim, é um trabalho que faço com gosto. Não é um vício. Não substituo a vida vivida fora das salas pela vida vivida nas salas.

O que é que o “empurrou” para o cinema?

Há sempre uma dimensão de fascínio, que não se explica muito por factores racionais. Em criança, era o puro deslumbramento. Daí, também, o valorizar tanto a sala escura. Depois, na adolescência, começa a perceber-se que as imagens se relacionam umas com as outras, gerando um acontecimento. Isso é absolutamente fascinante. Tanto mais que não há alternativa. Um ensaio sobre um filme nunca pode substituir o próprio filme.

Quais são os seus críticos cinematográficos de referência?

Não tenho.

Quando não está a ver cinema, ou a escrever sobre cinema, está fazer o quê?

Com o passar dos anos, dou cada vez mais importância à relação com a música. Não tenho nenhuma formação, o que me permite uma grande abertura a diferentes géneros. A música permite-nos sentir o que já não é possível dizer por palavras. Se calhar, permite-nos perceber a musicalidade dos filmes... Além disso, sou um espectador regular e fascinado de futebol na televisão.

Não vai aos estádios?

Não. Fazem-me muita confusão algumas manifestações de “clubite”. O futebol é uma coisa demasiado interessante para se estragar com esse tipo de atitudes primárias.

Já agora, tem clube?

Simpatizo com a Académica.

“Não substituo  
a vida vivida  
fora das salas  
pela vida vivida  
nas salas”





## Paulo Furtado de corpo inteiro

# Sem máscara

Cláudia Gameiro

Paulo Furtado vem de preto e não se compromete. Com clareza de ideias e pensamentos, expõe e defende convicções sem receios. O discurso é fluente e destemido. Confessa gostar de conversar. Como “The Legendary Tiger Man” lançou o álbum “Masquerade”, sinónimo, talvez, das muitas máscaras que vai usando. É também o líder dos “Wraygunn”, o ex-“Tédio Boys”, o “one-man-band”, o músico de Coimbra. O estilo foi descobri-lo nos blues, no rock, até no tango. Num *melting pot* de criatividade, encontra ainda espaço para a imagem e o cinema, outras das suas paixões. Adora tocar, detesta a dor de cotovelo e o fenómeno da prima-dona, esse “vírus que se apodera das pessoas”. Para a arte, afirma, “é importante manter os pés na terra”. Surpreendeu-se com a abertura, junto do Centro de Artes Visuais, de uma galeria de arte, demonstração de uma “nova dinâmica da cidade” de Coimbra que lhe traz alguma esperança. Ficou feliz com a vitória de Barack Obama, mas sobretudo com o discurso de derrota de John McCain. Diz viver bem com os erros, para ele “grandes aliados do acaso”. De lendário lembra Paul Newman, do cinema prefere os filmes “Freaks” e “Casablanca”. Paulo Furtado sorri. Em adolescente julgou que seria pintor. “No fundo — confessa — sou muito sentimental”. A relação com a música nasceu cedo. Adolescente, comprou a primeira guitarra, já dando concertos “antes de aprender” a tocar. Ele era assim, lembra rindo, “sempre a pôr a carroça à frente dos bois”, até que, “eventualmente, os bois apanhavam a carroça”. Há dez anos descobriu “o modo de trabalhar o super8”, método mais “democrático” de fazer cinema e que vive “muito do olhar e do que se quer mostrar”. As suas duas paixões — cinema e música

— foram, assim, “crescendo naturalmente”, mas é a segunda que impera.

### **Simplesmente, Paulo**

Quando lhe perguntam quem é de facto, responde ser simplesmente o Paulo Furtado. No início, juntamente com os “Tédio Boys”, procurou a anti-cultura, numa cidade dominada pela oferta cultural da Universidade. Hoje, refere, as coisas estão “mais complicadas”. Paulo declara, com seriedade e preocupação, que “teme” um pouco que a oferta que venha do Teatro Académico Gil Vicente (TAGV), “que nos últimos anos tem sido belíssima”, se possa perder. Em colisão com a Câmara de Coimbra, devido à quebra do protocolo sobre o Festival anual de Blues, organizado pelo próprio, Paulo afirma nem ter palavras “para definir o pouco que se faz pela cultura em Coimbra”, da parte do executivo municipal. A Universidade mudou! As Queimas das Fitas e as recepções aos caloiros são cada vez mais um negócio, não se arriscando “na programação do que quer que seja”. O fundamento destes eventos, julga, seria “proporcionar experiências, proporcionar cultura”, o que neste momento não acontece. Por tal, a sua relação com a cidade é de “negação”. A nível cultural reconhece que apenas “existem fenómenos ou pessoas” que trabalham nesse sentido, “quase lobos solitários” ou com “projectos com muito pouco apoio”. “Como artista, como pessoa e como pessoa que vive em Coimbra há 35 anos”, pondera, pela primeira vez na sua vida, deixar a cidade. As portas, reflecte, “estão-se todas a fechar” e a cidade senta-a como cada vez menos sua, cada vez lhe “é dada

menos a oportunidade de fazer algo para a tornar um pouco mais bonita”.

Da Associação Académica de Coimbra (AAC) elogia a Rádio Universidade de Coimbra (RUC), que tem realizado “um trabalho muito importante na divulgação dos artistas locais” e que incute “uma certa educação da musicalidade nas pessoas”. Contudo, repõe, desalentado, os eventos mais visíveis continuam a ser as queimas e as recepções aos caloiros, que já ninguém programa “por amor à arte e por amor à programação”.

### “Um animal de palco”

“One – man band” resulta do facto de Paulo Furtado, em palco, tocar guitarra, cantar, tocar bombo e pratos – choque, compondo sozinho a estrutura dum banda. O músico concorda com o título, pelo menos em parte. Individualmente, considera-se “uma pessoa de certo modo obcecada”, mas saudável, “trabalhador” e “honesto”. Para consigo próprio pelo menos, refere sorrindo. Já o seu colega de trabalho, o fotógrafo Pedro Medeiros, define-o como “um animal de palco”. Paulo Furtado é “um indivíduo muito criativo, muito disciplinado e metódico no trabalho, excêntrico na criação”, remata. Em palco, junto do seu público, demonstra ser sempre “um excelente performer”.

Medeiros trabalhou em 1999 com os “Tédio Boys”, ajudando mais tarde na criação do “Naked Blues”, álbum que fez nascer “The Legendary Tiger Man” em 2001. Em conjunto com Paulo Furtado, lançou o livro “In Cold Blood”, participando também nas curtas-metragens de “Tiger Man”, com fotografias e como narrador. Conta ainda com uma participação com os “Wraygunn”. Este é, afirma, um “trabalho de criação a dois, na fotografia e na escrita cinematográfica”, pelo que existe “bastante amizade” na dupla. A mensagem que transmitem nem sempre é clara. Acompanhando os espectáculos com estas imagens

e curtas-metragens, Paulo Furtado e os colegas pretendem, explica Pedro Medeiros, mostrar “a pulsão da vida e da morte”, a “questão maniqueísta na arte do Bem e do Mal”, mas também “o imaginário” ou a “interpretação de sonhos”. Os trabalhos no cinema, de resto, vão-se acumulando, tendo Furtado composto bandas sonoras para filmes ou participado, como actor, em fitas como “Tebas”, de Rodrigo Alves, inclusive para a produção alemã. Na gaveta, por terminar, está um guião para uma longa-metragem. Iniciado há alguns anos e com outros de trabalho pela frente, Paulo comenta, sonhador, que chegará uma altura em que vai saber que está “preparado” e, por fim, irá completá-lo. Mesmo porque para criar um filme, “é preciso ter uma história para contar” e, por tal, “uma visão do mundo”.

Mesmo depois de muitos anos no mundo da música, com os “Wraygunn” a conquistarem bastante sucesso além-fronteiras, Paulo não se considera um músico comercial. A tentação até pode ser grande, pois “Portugal é um mercado muito pequeno e existe a tendência para tornar as coisas mais comerciais”. Mas comparando com a sua produção de há 15 anos, considera que faz “coisas mais inteligentes e com conceitos mais interessantes”, numa tendência para, neste momento, “seguir um trajecto mais” seu. Aliás, confessa, “desde que tenha oportunidade de fazer artisticamente” aquilo que quer e não possua “impedimentos, editoras e managers” a tentar desviá-lo dos seus “objectivos”, terá encontrado, para si, “mais ou menos o conceito de felicidade”. Deste ponto de vista, esclarece, as pessoas conhecerem-no “mais ou menos é quase um bónus” que vem associado ao seu trabalho. Entre o “Legendary Tiger Man” e os “Wraygunn”, reconhece que o primeiro é um projecto “mais solitário”. “Os próprios espectáculos ao vivo”, revela, são um processo que o “prende muito mais” a si mesmo. No fim, constata, rindo, é tudo menos divertido e a música, que se supõe alegre, torna-se “uma actividade algo sofrida”. Já a banda é “uma coisa



muito mais física e menos pensada”, em que todos participam, requerendo “menos esforço e preocupação”.

### “Não há dois espectáculos iguais”

E os concertos? “Sentes-te idolatrado ou próximo do teu público? Paulo sustenta que “não há dois espectáculos iguais”. Depende do ambiente, depende do seu estado de espírito. No conjunto, revela, reage “muito ao público” e bebe bastante do que este lhe oferece para poder actuar. Por fim, “podem ir crescendo vários tipos” de cenários, mas em cada espectáculo “há um momento muito especial”.

“A música da tua vida?”. Ri novamente. As respostas têm sido muitas e variadas ao longo do tempo. Neste momento, talvez “Y sabes bien”, de “Los Zafiros”. Nas suas composições, as maiores influências encontram-se nos blues e no rock. Concorda, contudo, que os temas que mais aprecia “nada têm a ver com blues ou rock n’roll”. Adora tango, por exemplo. No entanto, o que julga fazer bem situa-se nesses dois géneros, “numa perspectiva não clássica”. Pelo menos, explica, “o ponto de partida é esse”, se bem que “o resultado final possam ser várias coisas diferentes”. A sua música? Não a consegue definir...

No café do TAGV, Paulo move-se com à vontade, conversa com as pessoas. Coimbra, apesar de tudo, é a sua casa. Filho de uma geração coimbrã que exportou grandes contributos para a cultura, tanto na música, como na televisão ou no cinema. Uma geração que, segundo Paulo Furtado, “conseguiu criar uma brecha” numa cidade “que tem o peso da Universidade, do fado e de uma série de tradições”, para “poder ser uma outra coisa qualquer”. O músico acha incrível, inclusive, “como as pessoas ainda não se aperceberam que em França e em muitos outros locais, Coimbra começa a ser vista como uma cidade rock”. Relembrando o que foi e o que é hoje, não pode negar que “a cidade já teve muito a ver” consigo, “já foi um local muito excitante”.

Pensativo, olha pela janela. Lá fora a noite caiu, o trânsito circula sem novidade. Os estudantes, essa “população flutuante que deveria ser encaminhada para a cultura”, regressam a casa em alegria urbana, de pasta debaixo de braço, com outros entretenimentos, outras causas tão diferentes das de há 20 anos. Ao fundo, o rock compassou estas confissões transcritas. No fim da conversa, uma estranha melancolia. O que será da cidade quando ele partir?



# O ponto de vista do meu nariz

Emília Ferreira \*

Não gosto de narizes pequenos. Não é nada de pessoal. Ou talvez seja. Talvez eu seja demasiado senhora do meu nariz. Talvez por isso desdenhe daqueles que têm pouco para assenhorar. Mas não foi sempre assim. Porque isto de se ser senhor — ou, no caso, senhora — do seu nariz, não é inato. Pelo menos no meu caso é adquirido.

A verdade é que, durante antes, vi o mundo ao contrário. Não gostava de narizes grandes. Talvez isso se devesse a, desde miúda, ter ouvido demasiadas conversas sobre o nariz empinado deste ou o nariz torcido do outro. O nariz tornou-se, desde cedo, sinónimo de medida. Ou talvez seja melhor dizer, de *desmedida*. E, como tal, um nariz grande era um incómodo, sinal de excesso. Excesso de si. E simultaneamente de defeito: defeito na beleza de alguém.

Não mostravam as ilustrações e as fotografias de moda o que era um nariz perfeito? Direito, pequeno. Enfim, pelo menos, moderado. Nada de protuberâncias, de alturas a caminho das estrelas, anunciando indisciplina, ou de canas robustas, indiciando naturezas carnis. Do mesmo modo, nada de narinas largas, por onde o ar se anunciava em ventanias, outro sinal de desmesura. Um nariz pequeno, de preferência afilado, cujas narinas deviam demonstrar comedimento, era o ideal. Por outro lado, nada de narinas demasiado apertadas, a lembrar as nadadoras de natação sincronizada. Um nariz apertado era igualmente sinal de falha. Falta de ar, de ânimo, de vida. Talvez por ter tido uma colega asmática, dona de um nariz pequeno de narinas reservadas, acabei por associar esse aperto a aflições de peito, respirações difíceis. Enfim, como descobriria mais

tarde, tinham razão os gregos que tudo apostavam na justa medida. Pus-me portanto em busca de um justo nariz.

Durante antes, foi essa a medida que procurei. Logicamente, assumi que o meu próprio nariz se encaixava nessa categoria, assunção sustentada por pequenos exercícios de comparação com os apêndices nasais daqueles com que me cruzava. O perigo, contudo, espreitava. Comparar um nariz infantil com os dos adultos que nos rodeiam falseia, desde logo, os resultados. A balança penderá sempre em nosso favor, quando o que se procura é a constatação de que o nosso é mais pequeno e portanto mais moderado que o dos demais. Ora, essa visão pessoal do mundo estava a ponto de mudar. Como já esperaria alguém mais avisado, ou apenas mais velho, foi na adolescência que tudo mudou, já que por esses anos não apenas o meu nariz acompanhou o meu crescimento como, além do mais, eu descobri o meu perfil.

O confronto com uma perspectiva, até então desconhecida, do meu próprio rosto provocou-me, durante certo tempo, algum desconcerto. A revelação chegou-me por via do acesso a um móvel de múltiplos espelhos, que se encontrava no quarto dos meus pais. Nele descobri então, no meio da minha cara, uma curva inesperada. Exactamente no mesmo sítio em que antes apenas pensara existir uma linha. Uma linha recta, ou quase recta, claro. A evidência de uma linha curva a definir o meu nariz, aquilo a que se chama em literatura, finalmente, um nariz aquilino — mas que em linguagem comum não passa de um nariz adunco, palavrão de sonoridade grosseira

e maledicente — evidenciou no mesmo instante uma *cara outra*. Percebem-me bem: não uma outra cara. Mas uma cara outra. O que aconteceu não foi o surgimento de uma nova cara, mas a revelação de que aquela que eu pensara ser a minha cara tinha, afinal, outros contornos. Ou seja, o que mudou, no fim de contas, foi o modo como a partir de então a vi. Como, a partir de então, percebi que os outros me viam. Portanto, não se tratou de descobrir no mundo uma cara nova, mas de descobrir que, enquanto eu me pensara com uns determinados contornos, durante tantos anos, havia na realidade uma outra que eu era. Podem pensar que tudo isto se resume à estupidez típica da adolescência mas, à parte as razões que vos assistem e com as quais até posso concordar, há um lado inescapável: o nariz, sabem-no bem os cirurgiões plásticos, marca um rosto. Modela-o. Mais: define-o. Por isso, mudar o nariz — ou, no caso, mudar a percepção do nariz, o que vai dar ao mesmo — é mudar de figura. Tão ou mais drástico que mudar de nação. Já há mais de dois mil anos Aristóteles o sabia e o defendia: um nariz explica o indivíduo, afina a *persona*. Portanto, um exemplar adunco, de rapina, indicia alguém em que pouco ou nada se pode confiar. Imaginam, pois, o meu susto. Embora à data ainda nem tivesse ouvido falar do grego, já conhecia de cor os resultados desses seus pensamentos. Quem tem dúvidas de que semelhante afirmação marcou o Ocidente? Os narizes semitas viram-se assim, desde há muito, em franca ameaça. Desde então e até hoje. Mas porque me aflijo eu? Se agora gosto de narizes grandes, qual é afinal o problema? Não seja o leitor apressado, nem queira galgar em duas linhas o que me levou tanto tempo a ultrapassar. Tudo a seu tempo. Voltemos à adolescência.

O problema é que depois desse primeiro choque, eu levei vários anos a pôr-me de bem com o meu nariz. Relembremos a cartilha. Deve uma mulher ter um nariz pequeno, afilado e recto. Reveja-se toda a ampla panorâmica traçada, defendida e propalada por Hollywood, desde os anos 30 do século XX, mostrando à saciedade narizes bem comportados,

de inquestionáveis reguladas dimensões e que, além do mais, se passeavam em cenários por certo bem perfumados e sem dúvida de assinalável sucesso? O que fazia então um modelo tão pouco condizente e, logo, tão pouco promissor no meio da minha cara? Sim, porque teria eu um nariz maior do que o que se esperava? Na realidade, a pergunta deve ser recolocada, já que a forma impessoal não a esclarece. Então: porque teria eu um nariz maior do que eu esperava? Porque teria eu um nariz apenas mediantemente afilado e claramente curvo? O aquilino literário não chegava ao quotidiano para o encher de tranquilidades e durante anos penei, na curva da adolescência e dos primeiros anos da idade adulta, com um apêndice nasal que não era do meu agrado.

A meu favor, porém, devo dizer que ainda assim, entretanto, e apesar do choque, a minha vida continuou. No meio tempo, entretive-me com questões mais altas. Descobri a metafísica e a ética, a ontologia e a lógica — e até a estética, quando assomou, se deteve em questões kantianas, felizmente desinteressadas das problemáticas fisionómicas. Contudo, embora a filosofia tenha sido de grande sucesso no afastar de questões menos dignas das inquietações da alma, o corpo persistia com as suas necessidades e observações anexas. E terá aqui de ser dito que, apesar de momentos deliciosos na companhia dos mais aprazíveis pensadores de outros séculos, não foi a filosofia que me salvou, mas a história.

Mergulhos em livros sobre o passado ensinaram-me a ver de outra feição uma herança tão frontal. Um passado de árabes e judeus na Península Ibérica, claramente na minha própria família e sobretudo na minha própria cultura, fizeram-me descobrir perfumes e poemas, sabores e nuances da paisagem, vislumbres do céu. Encheram-me de orgulho por um legado magnífico de lâmpadas mágicas, tapetes voadores, mouras encantadas, belas histórias de matemáticos, farmacólogos, físicos, astrónomos, gente de ciência e de paixão pelo verbo e pelo mundo. Entre a história e a literatura, entre as Mil e Uma noites, com a poderosa Xerazade, ou o Ivanhoe, de Walter Scott,

com a sua doce heroína judia, conheci, reconheci e assumi de vez a minha origem semita. E eis como se foi formando, sob o meu olhar mais benévolo e até encantado, um outro nariz no meio da minha cara. Ou melhor, como o leitor já terá entendido, o nariz era o mesmo; o olhar sobre ele é que era outro. Assim me reconciliei com a curva. Mas o caso não estava ainda encerrado. Faltava o aspecto da dimensão.

Para nossa felicidade, a literatura tem sempre, nas suas pregas, uma resposta para as nossas inquietações, mesmo que, por vezes, também ela seja dada a generalizações abusivas. Porém, ainda assim, há sempre tesouros de desobediência. E assim ela voltou em meu socorro. Não foi só o já citado adjetivo que me tranquilizou o espírito. Foi sobretudo o encontro com Edmond de Rostand. O seu Cyrano, de grandes paixões e verve, mostrou-me que um nariz grande era outra coisa: uma categoria na qual o meu se encaixava com dificuldade. Mas mostrou-me além disso que, mesmo que fosse esse o caso, para além de um nariz, havia uma alma. Como facilmente se antecipa, o meu próprio nariz, enquanto sinónimo de excessos, entrou nesses tempos em desvalorização. Não me importava como o vissem. Eu via-o doravante apenas como uma pequena protuberância. Afinal, ele era pouco importante. A alma era maior e mais clara e luminosa. Sob a sua luz, qualquer nariz empalidecia. Por muito grande que fosse. O que, afinal, bem vistas as coisas, nem era o caso do meu.

Contudo, o tempo continuava a passar e cedo os sentidos, que a filosofia tanto tempo reputou enganadores, me mostraram o quanto o nariz era importante. E depois de vários episódios não menores, entre os quais uma viagem pela Europa com um velho colega que perdera o olfacto — não sentindo por isso as premências da higiene íntima nem as contenções mais banais devidas ao decoro e às regras de boa vizinhança, o que decididamente não me cheirou bem —, eu mudei mesmo de ideias. Além disso, descobri também, é a ele que devemos o sinal de alarme para a comida estragada, a presença de venenos, de gases fatais, de fogo. Percebi porque dizem os ingleses *the nose*

*knows*. Na verdade, quando dizemos que algo não nos cheira não estamos a inferir a sua má-natureza? Ou seja, quanto mais o olhava, mais percebia que o nariz é mesmo um apêndice de se lhe tirar o chapéu. Esse foi, claramente, o grande ponto de viragem da minha vida. Toda uma nova perspectiva se abria sob os meus olhos. Ou — direi melhor — debaixo do meu nariz. Apurado o quanto baste, detector não apenas de esturros e de outros avisos mas também de perfumes, de odores dos mais variados, ele passou a ser uma fonte de prazer. É certo que, por vezes, ainda me trazia alguns dissabores. Mas doravante sensibilidades e desagradados a pólenes e maus cheiros que me faziam espirrar ou torcê-lo de aflição não chegavam já para me desagradar com aspectos formais. De novo, a personagem de Cyrano veio em meu auxílio. O nariz era afinal um símbolo de apuramento, de atenção ao mundo. De capacidade de sentir. Não será por acaso que, em francês, língua em que os dois verbos se fundem, sentir é também cheirar. Um perfumista é também um nariz. E, como também nos confidenciou Wenceslau de Moraes, sem dúvida o órgão de mais directa relação com a memória. Um odor pode levar-nos a outros tempos, a outras geografias. A um lugar onde estivemos. A um corpo que celebrámos.

Sim, pensei eu com inegável felicidade, o nariz é um elemento de capital importância. E com o prazer que o nariz passou, em consciência, a proporcionar-me, chegou o desagrado indirectamente proporcional ao tamanho. Desta vez, como podem perceber, foi a revolução.

Para abreviar, quanto mais pequeno fosse o nariz de alguém, menos esse alguém me agradava. Passei a desconfiar dos narizes pequenos. Associei-os a fraca personalidade, escassa vontade, esvaído gosto pela vida. Magra convicção e débil amor-próprio vieram como incontornáveis sinais em seguida, anexos a casos em que pessoas dotadas de excelentes apêndices nasais haviam preterido a natureza pela faca do cirurgião plástico, passando a ostentar, depois da intervenção, uns exangues apontamentos de nariz, minúsculas trombas que diminuía claramente os

seus anteriores poderes. Tal como o cabelo comprido simbolizava o poder de Sansão, para mim um nariz passou a ser sinónimo de domínio, de autoridade. E a sua alteração, remoção ou diminuição, mais do que um caso grave de desfiguração: um caso evidente de falta de poder. De entrega. De desistência. Numa palavra: de tibieza.

Lembro-me, neste capítulo, de um acontecimento particularmente revelador. Olhemos a personagem: uma antiga professora, mulher alta e desempoeirada, de riso franco e sonoro. Cabelo forte e escuro, olhos negros expressivos, boca vermelha e carnuda. E, sobretudo, dotada de um magnífico nariz. Grande, alto, compacto, aquele nariz dava a medida do resto, tornava o todo coerente e fascinante, franco e verdadeiro — harmonioso. Era uma mulher para quem apetecia olhar, porque tudo nela nos dava a ideia de equilíbrio, de capacidade de afirmação. Após o termo do ano lectivo, deixei de a ver e perdi-lhe o rasto durante vários anos. Tive pena, porque era alguém com quem gostava de conversar. Uma mulher invulgar, com gostos incomuns e verbo fluído.

Ora um dia, passando no centro da cidade, ouvi alguém pronunciar o meu nome. Olhei em volta mas não reconheci ninguém. Até que percebi a presença de uma mulher morena, de olhos e boca sorridente, que me olhava. Olá, não te lembras de mim? Francisca..., disse ela. Francisca..., pensei eu. Qual Francisca? E eis que de repente, do fundo da memória, me voltou um rosto antigo, belo e forte. Contudo, não era esse que ali estava. E, todavia, os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo cabelo... Porém, a velha harmonia havia desaparecido. Com espanto e desgosto, percebi que o magnífico nariz havia dado lugar a um insignificante simulacro. Tentei não ser demasiado expressiva, mas temo que os meus olhos tivessem sido excessivamente eloquentes. Tive um acidente, disse-me ela, respondendo ao meu silêncio. Caí, parti o nariz, fiquei com o septo nasal torto e tive de o endireitar. Ah, fiz eu, afogando a tempo um que pena... Não, felizmente, não fora nada de muito grave. Apenas uma queda. E ela, percebi, aproveitara

para cortar uma valente fatia de nariz. Com a sua rinoplastia — palavra de sonoridade confrangedora — ela tinha passado a ostentar a marca da normalidade: um nariz pequeno, baixinho e até arrebitado. Trocámos mais umas linhas de conversa, despedimo-nos com um aceno e não a voltei a ver. Não trocámos contactos, apesar das frases triviais, vemo-nos por aí. Mas agradei essa ligeireza. Não podia acreditar que a superficialidade se tivesse introduzido a tal ponto naquela alma que lhe tivesse ditado uma vontade tão corriqueira. Pensando bem, num encontro de dez minutos, ao fim de dez anos de desencontro, não se podem nem devem esperar grandes revelações ontológicas. Mas na altura eu achei, pura e simplesmente, que, com aquela substancial parte do seu nariz, Francisca havia deitado fora uma equivalente porção da sua personalidade e do seu interesse pessoal. Já para não falar no seu encanto. Porque, filosofias à parte, se a alma dela eu não podia avaliar do pé para a mão, já da cara podia dizer que perdera o seu quê de diferente, para se tornar apenas banal.

Esse encontro revelar-se-ia de grande importância para mim. O confronto com uma tão notória mudança fez-me perceber com inequívoca clareza a importância do nariz no conjunto das linhas de uma cara. Mais: na definição ontológica. Essa epifania seria confirmada pela redução nasal mais mediática de todas: a de Michael Jackson. Reduzido o seu nariz humano à mimética caricatura do grão-de-bico que serve a personagem animada de Peter Pan, o seu detentor perdeu não apenas credibilidade como sobretudo realidade. A personagem que hoje ostenta o nome do velho cantor mais não é do que a literal e tragicamente pálida sombra do jovem que em tempos habitou aquele rosto. Já se vê que estavam confirmadas as minhas piores suspeitas.

Como se isso não chegasse, e voltando à literatura, não é por acaso que, na sua saga de definições e críticas à sede de estatuto dos ricos e novos ricos de S. Petersburgo, Gógol se entretém a desfiar o rosário das suas vitórias e perdas: o talento versus riqueza, a constante ostentação da persona. Nisso, o nariz



é de capital importância. Um homem que perde o nariz não pode aparecer em sociedade. Como se justifica tal ausência, tal falha? Porém, para além da inquietação irónica de Gógol — a fazer eco dos velhos conquistadores que amputavam o nariz dos vencidos — a minha tornou-se mais ambiciosa: sem nariz como se completa e define um ser? Como o leitor já terá entendido, por esta altura já a pergunta se colocava de modo mais conclusivo: sem um nariz digno desse nome como nos podemos definir?

A par destas minhas conclusões, o mundo prosseguia a sua cruzada de normalização. Chegados aos tempos da fácil cirurgia plástica, a norma tomou conta dos corpos, das caras. E nelas, sobretudo, dos narizes. É verdade que hoje tudo se faz. Compõem-se os dentes, a forma dos maxilares, o desenho das testas, a suspensão das pálpebras. Removem-se da pele os mais diversos traçados que o tempo nela demoradamente inscreveu. Muda-se de lugar a gordura em excesso, não apenas cortando ou aspirando, para deitar fora, mas aproveitando o que sobra nuns sítios para recolocar noutros. Há quem tenha posto na cara gordura retirada das nádegas. Não me en-

tendam mal. Tudo isso é legítimo. Acho que todos devemos usar a medicina em proveito da nossa saúde física e mental. Só me parece pena o que vem com isso: a perda da diversidade, a tirania de um ponto de vista único e massificador em que todos ficam iguais a todos, sem características diferenciadoras. Terá sido por acaso que até a princesa Letícia aceitou cortar um bocado do seu belo nariz, para ostentar agora um igual a qualquer mocinha desinteressante da indústria cinematográfica norte-americana?

Andava eu triste com a repetição de imagens de normalização quando há dias topei com uma fotografia de um dos homens mais charmosos do momento: Adrien Brody. Lembro-me de que há anos, quando ele surgiu numa campanha publicitária, se começou a falar no rapaz. Uma revista revelava a biografia e lançava a questão: como pode um rapaz que nem é bonito, de acordo com o cânone, ter tanto sucesso como modelo fotográfico e, acima de tudo, esbanjar tanto charme? A jornalista lançava-se em razões, mas eu lembro-me que fiquei fixada no grande nariz do rapaz, tanto mais saliente quanto a sua cara ossuda o tornava evidente. Fiquei de olho nele. E há tempos, ao



encontrá-lo na capa de uma revista, de namorada à tiracolo e sorriso rasgado, percebi, sem sombra de dúvidas, onde reside o irresistível encanto do jovem: da sua segurança, da sua imagem confiante e assertiva, do seu sorriso frontal e, claro, do seu sensualíssimo e até algo assimétrico nariz. Deixem-me acrescentar para triunfo da cultura: de um belo nariz aquilino.

Ficou então definitivamente claro para mim que Aristóteles, nesse particular, não tinha razão. Nem, com ele, toda uma tradição erguida sobre os seus ombros. Um nariz aquilino, adunco, curvo, recurvado, retorcido — como lhe queiram chamar — e de dimensões acima da média, com narinas abertas para o mundo, prontas a cheirá-lo com aplicação e interesse, prontas a sorver dele tudo o que ele tem para dar, das plantas aos corpos, do calor à maresia, é afinal um senhor nariz. Um nariz que promete emoções fortes, originalidade, companheirismo, aventura, riso largo e franco. Numa palavra: sensualidade.

Não percebo porque insistem algumas pessoas em disfarçar o que a natureza tão sagazmente lhes ofereceu. Mas fico contente que haja outras que não se entregam à devastação dos sentidos, à normalização e

aos brandos costumes. É claro que um nariz, tal como uma andorinha, não faz a primavera. Um nariz é apenas uma parte num rosto, no qual cabem muitos outros elementos. E mesmo reconhecendo que uma expressão pouco inteligente não melhora só pela presença de um afirmativo nariz (podendo este até confirmar as nossas piores suspeitas), sustento que o nariz é, sem dúvida, o aspecto centralizador da questão. Em seu redor se arrumam ou desarrumam os cabelos, se dirige mais frontal ou obliquamente o olhar, se percebe a importância de uma boca, a coerência dos dentes, alinhados ou rebeldes, as linhas do rosto e a estrutura dos ossos sob a pele. Como se vê, por muito relevantes que sejam todos os outros componentes, o nariz permanece o grande eixo da questão. Poderá o leitor discordar. Mas para tanto terá de o defender em texto próprio. Neste texto, e do meu ponto de vista, o nariz é o único aqui chamado. Os demais elementos ficarão, se não se importam, para outra ocasião. Não têm nada que vir aqui meter o nariz. *I rest my case.*

Almada, Novembro de 2008.

# Lugar dos Livros

**Título:** Metafísica

**Autor:** Luís António Verney

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

A Metafísica, de Verney, propõe-se sobretudo analisar, numa perspectiva empirista, certos conceitos da metafísica tradicional (ente e não-ente, essência, substância, modos, relação, existência, subsistência, finito e infinito, necessário e contingente, causa e efeito, e ainda outros).

Aquela perspectiva está presente, por exemplo, na concepção da essência real: esta não é o conjunto de notas fixas manifestadas pela definição (como supunha a concepção aristotélico-escolástica), mas o conjunto de todos os atributos concretos dos entes, pelo que a essência real nos é desconhecida; apenas podemos ter conhecimento da essência nominal ou metafísica, ou da que percebemos pela palavra com que significamos uma coisa.

**Título:** Física em Medicina Nuclear

**Coordenação:** J. J. Pedroso de Lima

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Os principais temas abordados neste livro são: produção de radioisótopos e de radiofármacos, física do positrão e suas aplicações em biomedicina, detectores de radiação, métodos de medição, instrumentação e metodologias de imagem, sistemas em medicina nuclear, dosimetria e efeitos biológicos da radiação.

**Título:** Reflexões sobre a Avaliação do Dano Corporal em Direito Civil

**Coordenação:** Duarte Nuno Vieira, Alvarez Quintero.

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra • Caixa Seguros

A obra reúne um conjunto de reflexões que resultaram da preparação da tabela nacional de incapacidades permanentes para o direito civil, reflexões que interessam a todos quantos se iniciam nos caminhos complexos da peritagem de avaliação de danos corporais em direito civil.

Este livro assinala a publicação da tabela nacional para o direito civil e a criação da competência em avaliação do dano corporal.

**Título:** História Breve das Misericórdias Portuguesas

**Autores:** Isabel dos Guimarães Sá, Maria Antónia Lopes

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

A longevidade das Misericórdias, a sua importância na sociedade portuguesa e a sua capacidade de se adaptarem a novas circunstâncias políticas, religiosas e culturais, merecem um estudo que tente delinear as suas principais linhas evolutivas.

É nesse sentido que convergem os esforços das duas autoras, que levaram a cabo uma tentativa de apresentar em traços largos a sua história de mais de quinhentos anos.



**Título:** Partidos e Programas

---

**Autor:** Ernesto Castro Leal

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

A problemática do presente livro sobre a genealogia do campo partidário republicano português, entre 1910 e 1926, é a relação entre partidos e identidade política, tecida numa visão da história política, com a finalidade de revelar processos de formação, filiações ideológicas, programas políticos, mediações políticas, dirigentes e tipos de organização.

Pretende-se dar um contributo para a construção deste campo historiográfico, que está numa fase inicial de análise particularizada e de síntese geral.

**Título:** O tempo de pedra

---

**Autor:** Rui Pena dos Reis

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

O presente trabalho tem como temática essencial a questão do tempo geológico e a sua relação com os grandes eventos de transformação da Terra, tal como testemunha o registo geológico do planeta. Em primeiro lugar, é apresentada uma visão interior do tempo, uma perspectiva pessoal do conceito na sua aceção mais vasta.

Em seguida, o tempo é definido e discutido numa perspectiva de evolução histórica, sendo ainda abordadas as metodologias e os conceitos associados à sua definição.

Os grandes temas da transformação da Terra, com ênfase na história climática, são tomados em seguida, a par dos códigos de leitura dos testemunhos do tempo, presentes nas rochas. Por fim, discute-se a questão do tempo actual, no quadro da relação entre os seres humanos e as variáveis naturais.

**Título:** Calheta. Património Natural

---

**Autor:** Albano Figueiredo

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

O conhecimento das valências de um território assume-se como um importante factor para a sua sustentabilidade. É nesta perspectiva que se enquadra a obra *Calheta. Património Natural*, a qual visa, antes de mais, contribuir para a divulgação dos aspectos naturais deste município.

A descrição ilustrada das condições físicas do território, direccionada a duas grandes unidades de paisagem, a costa e a serra, concilia referências pontuais à magnitude da intervenção humana neste território insular. Para cada uma das unidades é feita uma abordagem integrada das suas componentes físicas, dando primazia àquelas que mais contribuem para a definição da sua identidade.

**Título:** Virchow. Medicina, Ciência e Sociedade no seu tempo

---

**Autor:** Marco Steinert Santos

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

A presente obra tem por pano de fundo a passagem da medicina tradicional/empírica para a medicina moderna/científica, nomeadamente a partir da década de 40 do séc. XIX. Incindivelmente ligado a esta revolução surge o vulto de Virchow, personagem central desta obra. Actualmente, Virchow apenas é conhecido dos médicos, *inter alia*, por ser o pai da patologia celular; mas ele foi muito mais do que isso. Na verdade, a vida e actuação de Virchow distinguem-se, não só na ciência médica, mas igualmente em ciências emergentes do seu tempo, como o foram a antropologia e a arqueologia.

**Título:** Preservativo, Sida e Saúde Pública

---

**Autor:** Aliete Oliveira

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

O presente estudo procurou identificar e analisar os factores que determinam a negligência do uso do preservativo nos jovens e saber a opinião destes sobre as campanhas sanitárias que lhes são dirigidas e como devem ser concebidas campanhas futuras. Os resultados obtidos e os ensinamentos deles recolhidos podem constituir uma contribuição para o desenvolvimento de uma mais eficaz promoção de comportamentos saudáveis entre os jovens.

**Título:** Comunidades imaginadas

---

**Coordenadores:** Luís dos Reis Torgal, Julião Soares Sousa, Fernando Tavares Pimenta

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Os textos que aqui se apresentam tentam expressar algumas reflexões sobre o tema tratado no colóquio “Comunidades Imaginadas — Nação e nacionalismos em África”, que teve como principal finalidade reflectir sobre a formação e os problemas das comunidades nacionais africanas, de uma maneira iniciadora (com consciência da sua imensa complexidade).

**Título:** Hidráulica Urbana. Sistemas de abastecimento e drenagem de águas residuais

---

**Autores:** José Sá Marques, Joaquim José Sousa

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Este texto aborda temas relacionados com o dimensionamento e a análise do comportamento de infra-

estruturas de Hidráulica Urbana, concretamente, os sistemas de abastecimento de água e a drenagem de águas residuais e pluviais.

**Título:** Estados Autoritários e Totalitários.

---

**Coordenador:** Luís dos Reis Torgal e Heloísa Paulo

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

Os textos apresentados correspondem às comunicações do seminário internacional “Estados autoritários e totalitários e suas representações”. A ideia que presidiu a este encontro foi sobretudo a de pensar os projectos totalitários e autoritários tal como foram vistos pelas suas testemunhas e actores, pelas imagens políticas que se formaram ou pela sua historiografia, considerando que a História também interroga as memórias, os escritos políticos e didácticos de época ou a escrita da história.

**Título:** Ensinar e estudar matemática em Engenharia

---

**Autor:** Jorge André

---

**Edição:** Imprensa da Universidade de Coimbra

O autor leva a cabo uma reflexão pessoal aprofundada sobre questões importantes: Qual o papel da Matemática na formação de um engenheiro? Como organizar o ensino da Matemática em cursos de Engenharia, de modo a concretizar esse papel? Como articular a formação em Matemática com a formação específica em Engenharia? Sobre cada um destes temas é desenvolvida uma análise cuidadosa e pormenorizada, em que se faz a ponte entre a natureza da Matemática e as necessidades práticas do estudante de engenharia e do engenheiro.



Espaço  
Das Escolas

# Para lá da beleza

## A recuperação da Casa das Caldeiras

Ana Vaz Milheiro

Talvez a antiga Casa das Caldeiras não seja dos mais belos edifícios onde o arquitecto João Mendes Ribeiro interveio. Mas a beleza nem sempre é oportuna. Realizada em parceria com Cristina Guedes, a intervenção na Casa das Caldeiras (ou Central Térmica dos Hospitais da Universidade de Coimbra) é, todavia, um notável exemplo de recuperação do património industrial, cuja complexidade reside, exactamente, na excessiva especialização que caracteriza, normalmente, os edifícios industriais. Localizada na Rua Padre António Vieira, entre a sede da Associação Académica e a Alta de Coimbra, a Casa tem, ainda, a particularidade de se situar num lugar sensível da cidade, funcionando como elemento de “transição” entre a modernidade do edifício da Associação (Alberto José Pessoa, com João Abel Manta, 1958) e a monumentalidade histórica dos colégios das Artes e dos Jerónimos. O projecto insere-se no Plano de Pormenor para a Alta de Coimbra, do arquitecto Gonçalo Byrne.

Se, no âmbito da arqueologia industrial, a Casa das Caldeiras tinha já conquistado um estatuto patrimonial, na perspectiva da qualidade arquitectónica, esta poderia não ser tão visível para o público, colocando dúvidas quanto à decisão de a manter. Todavia, a sua configuração pavilhonar, de forte carácter utilitário, revelava uma escala que, potencialmente, acertava com a envolvente, condição que os arquitectos interpretaram nas suas propostas. Apresentava, também, uma dificuldade que seria fundamental para o novo projecto: a maquinaria industrial — que detinha o maior valor patrimonial do conjunto — inviabilizava o uso interior do edifício preexistente, independentemente do seu destino, obrigando

à construção de uma nova estrutura, que se tornou num dos elementos caracterizadores da proposta.

### Um projecto que vem de 91

O projecto iniciou-se em 1991, tendo adquirido uma forma mais próxima da actual oito anos depois. Começou por se destinar a Centro de Artes Visuais, posteriormente instalado no Pátio da Inquisição, cujo projecto de recuperação foi, igualmente, da responsabilidade de João Mendes Ribeiro (1997-2003). O edifício encontrou então uma nova função, tornando-se sede do Curso de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Esta alteração dos conteúdos programáticos, embora significativa, permitiu comprovar um dos aspectos centrais dos actuais debates arquitectónicos e que, muitas vezes, os arquitectos têm dificuldade em fazer “sair” para fora do seu círculo profissional. Trata-se da velha questão da adequação funcional de qualquer edifício ao seu programa utilitário. Há já algum tempo que os arquitectos reclamam que a qualidade da arquitectura não está somente nessa adequação funcional, mas é um “princípio” em si; ou seja, depende exclusivamente do desenho e da sua concretização.

Para lá de ser um projecto seguro no domínio da reabilitação, a actual Casa das Caldeiras pode muito bem ser mais um argumento significativo nesta discussão. Há, ainda, o mérito da Universidade, que, reconhecendo a qualidade do projecto inicial, optou por levá-lo até ao fim.

Inicialmente, tratava-se de uma estrutura com finalidades expositivas, a que se juntava a produção ar-





tística no âmbito da fotografia. O projecto concentrava-se, naturalmente, na criação de espaços generosos e percursos expositivos, a que se contrapunha a existência de compartimentos de menores dimensões, destinados a laboratórios de criação fotográfica. A mudança para uso do Curso dos Estudos Artísticos acabaria por não interferir demasiado nesta organização.

### “Verticalizar” o conjunto

Por uma questão de conveniência programática, e face ao existente, os autores optaram por “verticalizar” o conjunto. A partir da estrutura preexistente — mais precisamente, da antiga sala de carvão —, ergueram assim um volume paralelepípedo em betão, que acerta com a altura da chaminé industrial e, simultaneamente, com a largura da Casa das Caldeiras. Adquirindo um estatuto de torre, torna-se o elemento que “faltava” na construção de uma relação mais gradual entre o nível da rua de implantação e a Alta de Coimbra. Esta “torre” adossada à encosta permite, ainda, associar o conjunto a uma situação de maior urbanidade, circunstância reforçada pelo troço de rua aberto entre a Casa das Caldeiras e a Associação Académica.

Como marca dominante da intervenção sobressai um forte carácter abstracto, conferido pelo contraste entre elementos e materiais: a plataforma revestida a pedra, onde assenta o pavilhão da Casa das Caldeiras; a torre de betão, com as janelas superiores abertas sobre a cidade; a chaminé de tijolo de burro; os muros que delimitam a rua. Este facto também lhe permite não “ferir” o “excesso de temporalidade” que se manifesta nas construções vizinhas. A aparência abstracta do edifício, contudo, não omite um certo gosto pelo trabalho artesanal que caracteriza outros edifícios de João Mendes Ribeiro. E como tem acontecido em obras suas de recuperação — caso do Laboratório Chímico da Universidade de Coimbra (2001-2006), por exemplo —, a intervenção no preexistente constrói-se no sentido da clarificação dos vestígios arqueológicos e arquitectónicos anteriores. Trata-se de um processo que atravessa tanto o desenho como a construção de projectos similares, o Pátio da Inquisição ou o Laboratório Chímico, beneficiando de toda essa aprendizagem. E se João Mendes Ribeiro é um arquitecto de edifícios belos, como se disse antes, agora fá-lo com uma naturalidade que talvez não seja tão evidente em obras anteriores. Essa é a principal qualidade da Casa das Caldeiras.



# Temas

Colóquios de Outono 2008





# ARTE\_real\_mente\_ARTE

## Quando é a própria arte a gerar pensamento

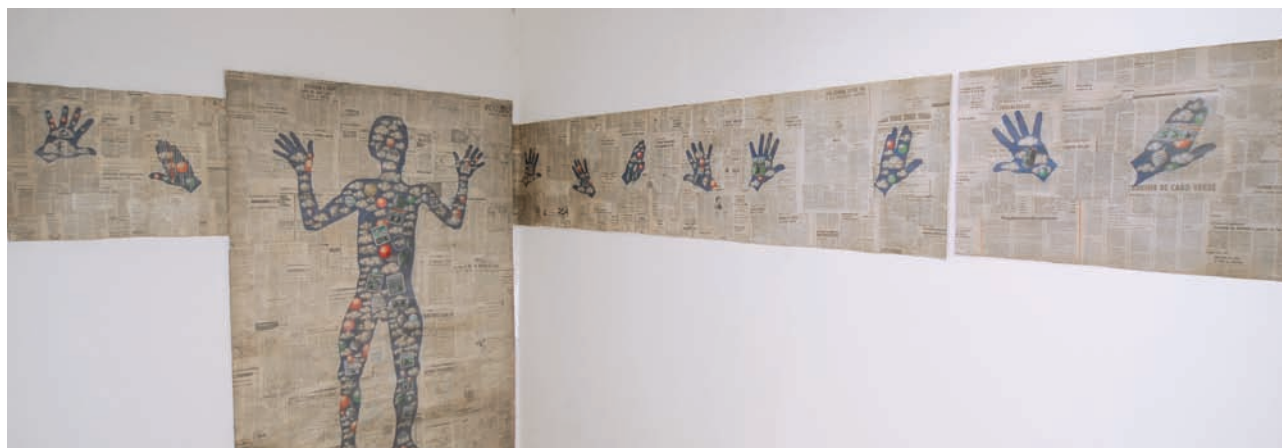
Textos de Cláudia Pais

A queda das folhas, as castanhas assadas e os Colóquios de Outono da Universidade de Coimbra (UC) foram considerados, pelo reitor Seabra Santos, os três grandes acontecimentos que marcam a terceira estação do ano. No entanto, o enfoque aqui é dado apenas ao terceiro acontecimento, pois nenhum dos outros conseguiu criar a “reflexão sobre a produção artística e sobre a produção de pensamento, as suas interpenetrações e o modo como se articulam entre si, mediadas pelo confronto pelo real” que os Colóquios de Outono 2008 conseguiram. Daí o título ser “ARTE\_real\_mente\_ARTE”.

Os dias 19 e 20 de Novembro foram, então, dedicados a três sessões temáticas com duas partes cada uma: as conferências de cada um dos intervenientes e uma mesa redonda. Na primeira sessão, com o nome de “O estilo não conta”, foi feito o balanço da representação portuguesa na Bienal de Veneza de 2008, com o arquitecto Eduardo Souto de Moura, o artista plástico Ângelo de Sousa, o filósofo José Gil e o arquitecto Joaquim Moreno. No segundo dia tiveram lugar as duas outras sessões: “O ofício da arte” e “A relação com a vida”. Na primeira, os artistas plásticos José Maças de Carvalho e Armando Azevedo e o coreógrafo Rui Horta apresentaram algumas das suas obras. Na segunda, o crítico João Lopes e os cineastas Margarida Cardoso e Edgar Pêra partilharam as suas experiências cinematográficas e mostraram também uma síntese dos seus trabalhos. A moderação ficou a cargo de Jorge Figueira, António Olaio, Delfim Sardo e Abílio Hernandez, uma vez que se procurou cruzar o conjunto de personalidades, cujas contribuições para o tema são já reconhecidas, com pessoas de dentro da UC, que tenham também reflectido sobre a matéria.

Segundo o pró-reitor para a cultura da UC, José António Bandeirinha, “hoje em dia é muito importante encarar a prática artística como fenómeno de pensamento. O próprio processo da arte também é pensamento, também é filosofia, e isso é algo que está muito latente contemporaneamente”. Para além da inegável importância do tema, a realização destes colóquios não foi alheia aos estudos pré-graduados em arte que a UC ministrará no Colégio das Artes. Bandeirinha explica que “há sempre que ter um tema para os Colóquios de Outono e quando a Universidade está a lançar esta área nova no patamar das pró-graduações, há subjacente a ideia de se gerar também produção artística”.

Relativamente às intervenções neste “ARTE\_real\_mente\_ARTE”, o pró-reitor considera “bastante interessante o que foi dito acerca do tema que estava em cima da mesa, ou seja, a relação que a arte estabelece, quer com a realidade que a envolve, quer com os sistemas de pensamento que lhe estão subjacentes”. Acredita que “a discussão foi bastante dinamizada e que não foi redundante” e, acrescenta, “houve sempre um objecto artístico a centralizar a discussão, nunca se cedendo à tentação de se debaterem generalidades ou coisas que não eram objectiváveis”. A sexta edição dos Colóquios de Outono pareceu, então, conseguir concretizar o objectivo de fazer reflectir “de forma transversal e aberta aos mais diversos espaços de expressão da produção artística e da produção de pensamento” e de “incidir sobre alguns centros específicos de interacção entre a arte e o pensamento”.







# O real não conta história

“Não há arte mais mentirosa que o cinema. É só luz e sombra. Não há ninguém, não há nada”, alertou Abílio Hernandez, moderador da terceira sessão, “A relação com a vida”. “As pessoas tendem a acreditar que é a vida, que regista a vida, que regista o real”, mas não. “O cinema consegue mentir verdadeiramente mais do que qualquer outra arte, até porque não se acredita tanto numa arte como se acredita no cinema”, reforçou.

As intervenções dos cineastas – ou simuladores do real –, Margarida Cardoso e Edgar Pêra, e do crítico de cinema, João Lopes, deleitaram qualquer amante da sétima arte que tenha estado presente. Partilhando as suas experiências vivenciais e culturais, deram também a conhecer uma síntese do seu trabalho.

Margarida Cardoso transpirava tranquilidade. As palavras saíam da sua boca de forma tão pausada quanto sincera. O público, atento e silencioso, parecia estar numa sala de cinema: sorvia cada fala do guião, sentia cada som, saboreava cada plano.

“Não vou falar especificamente dos meus filmes, mas sim do processo que me leva a fazer certas escolhas”, começou por dizer, pois “o que me interessa é o processo que me leva ao filme, o processo de procura”. Essa procura, lenta e solitária, é o que leva Margarida Cardoso a justificar o tempo que leva entre um filme e outro. “É quase um caso patológico”, brincou.

Novamente num tom mais sério, explicou que “tenho muita curiosidade e acho sempre que vou encontrar uma resposta para uma série de interrogações, especialmente para a perplexidade que tenho relativamente à vida”. Talvez por isso, a cineasta deambule frequentemente com um sentimento de infinita melancolia. Talvez por isso o seu trabalho se relacione tanto com as palavras passado, ruínas e regresso. No fundo, “tenta perceber o mundo trágico risível que viveu” e “tenta construir uma história sua através de outras narrativas”.

Com o cinema, desabafou, “sempre tive uma relação muito estanha, sempre me pareceu demasiado rápido e público. Tive uma relação muito pouco educada e seguida em relação ao cinema”. Quiçá por esse motivo, a realizadora de “A Costa dos Murmúrios” seja extremamente selectiva e apenas veja aquilo que acha que, realmente, lhe dará prazer.

Esta terceira e última sessão dos Colóquios de Outono 2008 ficou também marcada pelo bom humor. Abílio Hernandez fez um apelo a todos os presentes: “Não deixem de ir ao cinema, mesmo quando têm de comprar os bilhetes no balcão das pipocas e as condições sejam más”.

A representação portuguesa na Bienal de Veneza de 2008

# “Cá fora: Arquitectura desassossegada”

As cadeiras do Auditório da Reitoria talvez já não se lembrem da última vez em que estiveram tão preenchidas como no primeiro dia dos Colóquios de Outono de 2008. O tecido laranja que as reveste era quase imperceptível devido à quantidade de estudantes, maioritariamente do curso de Arquitectura, que se encontrava sentada, conferindo novas e variadas cores ao espaço. O facto não passou despercebido a Seabra Santos, que, na sessão de abertura, comentou, visivelmente impressionado, que, das seis edições realizadas, esta foi “a que teve mais mobilização, a que atraiu mais população”. E uma vez que “a formação, hoje, faz-se de forma mais alargada”, o reitor assegurou que “isto pode ser entendido como uma sala de aula”. Esta pareceu, então, ser uma daquelas aulas a que nenhum aluno quis fazer “gazeta”.

A causadora deste interesse foi, também, a protagonista absoluta deste dia: a representação portuguesa na Bienal de Arquitectura de Veneza de 2008. Através das intervenções dos representantes portugueses, o arqui-



tecto Eduardo Souto de Moura e o artista plástico Ângelo de Sousa, assim como dos respectivos comissários, o filósofo José Gil e o arquitecto Joaquim Moreno, compreendemos o propósito da intervenção nacional: “Materializar temporariamente o heteronímico desassossego num contraditório cá fora”. Daí o mote ser “Cá fora: Arquitectura desassossegada”, baseado na temática geral da Bienal: “Lá fora: Arquitectura para lá do edificado”. Os vídeos e as fotografias apresentados mostravam o palco da intervenção: um armazém que uma grande fachada, revestida de espelhos, ocultava. Voltada para o Grande Canal de Veneza, reflectia perspectivas múltiplas da cidade. No interior, dois compartimentos: uma antecâmara, espaço mais sombrio, de sustentação do outdoor, que provocava a “sensação de se estar nos bastidores” e que, embora parecesse que não pertencia à obra, pertencia. Uma outra sala fabricava imagens de “duplos e não de eus ao contrário”, devido às paredes e colunas revestidas de espelhos, que se encontravam frente a frente. Uma verdadeira “casa dos espelhos, que vendia os dois lados do reflexo”.

Desta forma, não é de admirar que o trabalho de Eduardo Souto de Moura e de Ângelo de Sousa tenha sido definido por José Gil como “um plano de imanência de que necessita qualquer artista para criar”. Na voz do filósofo, “o plano de criação mostra o desenrolar do plano de imanência, através da absorção de uma série de elementos do exterior, que entram em caos na antecâmara, e se vão reverter à medida que entram os visitantes”. Desassossego, inconstância e heterónimo foram palavras de ordem nesta primeira sessão, intitulada “O estilo não conta”, que teve como moderador o arquitecto Jorge Figueira e onde o balanço da participação portuguesa na 11ª Bienal de Veneza foi feito e os seus reflexos se fizeram, simbólica e literalmente, sentir.



Quando as práticas do quotidiano se transformam em práticas artísticas

# A arte interventiva de José Maças de Carvalho

Já não tão preenchido como no primeiro dia, o Auditório da Reitoria ansiava, mesmo assim, pela chegada daqueles que, na segunda sessão do segundo dia dos Colóquios de Outono 2008, iriam falar sobre “O Ofício da Arte”: os artistas plásticos José Maças de Carvalho e Armando Azevedo e o coreógrafo Rui Horta. “Esta ideia do ofício, do trabalho associado à arte, não é desrespeitar o artista e a sua genialidade”, salvaguardou logo no início António Olaio, um dos moderadores, desmistificando a ideia de que a obra de arte nasce como que por magia, fruto apenas de um momento de inspiração. Pelo contrário, pretendia-se provar que a arte é um ofício como os outros.

O ambiente foi, aos poucos e poucos, escurecendo. O silêncio conseguiu, finalmente, imperar. À primeira vista, José Maças de Carvalho, ali, mesmo à nossa frente, aparentava ser uma pessoa como outra qualquer. No entanto, bastou-nos assistir à apresentação de alguns dos seus projectos, “enquadrados no real e que fogem muitas vezes ao conceito de obra de arte”, para percebemos que este artista plástico não era uma pessoa como as outras. Mesmo utilizando “acontecimentos de uma constrangedora banalidade”, a sua obra consegue transformar-nos a nós, espectadores. E, admitiu mais tarde, “essa é a fantasia de qualquer criador. É ter a sensação que resultou. É ter uma prova de contacto”.

No seu trabalho está sempre presente uma estratégia linguística, tanto na fotografia como no vídeo. “Talvez por causa da minha formação em literatura”, justificou. Comunicação limite, formas derradeiras de comunicação e mímica são exemplos de estratégias de provocação que utiliza frequentemente, pois pretende uma posição activa para o espectador a vários níveis, especialmente ao cognitivo, para que este descodifique a mensagem. “Há que fazer um esforço de leitura para perceber. Eu próprio, como espectador, prefiro ser activo perante uma obra de arte”, confessou.

José Maças de Carvalho trabalha com pessoas reais e com o espaço público, espaço de comunicação por excelência. Chegou a realizar uma campanha publicitária sem objecto e com um “slogan” com eco filosófico. A finalidade, explicou, “não era transformar as pessoas em imagem, mas transformá-las em algo real no espaço público”. Elabora, sobretudo, trabalhos “comprometidos com o nosso tempo, com a actualidade e com o real”, pois considera que “a arte tem essa obrigação”. Embora estejam presentes símbolos políticos em muitos dos seus trabalhos, o artista plástico afirmou não querer fazer política, preferindo chamar-lhe “uma reflexão da realidade”.



Imprevistamente, foi “feito um mapa a partir do conceito de negociação. José Maçãs de Carvalho, a negociação com o real na prática artística, Armando Azevedo, uma negociação objecto-linguagem, e Rui Horta, o corpo como suporte de negociação da sua arte”, observou Delfim Sardo, outro dos moderadores desta segunda sessão.



*Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.*

Visite-nos em [www.uc.pt/antigos-estudantes](http://www.uc.pt/antigos-estudantes)

## Rede UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra  
 Gabinete de Comunicação e Identidade  
 Universidade de Coimbra  
 Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra  
[antigos-estudantes@uc.pt](mailto:antigos-estudantes@uc.pt)

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlm: +351 96 44 53 222

**REDE  
UC**

REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

[www.coimbraeditora.pt](http://www.coimbraeditora.pt)



AB VNO AD OMNES

**Coimbra Editora**

Livraria FERREIRA BORGES, Rua Ferreira Borges, 77, Coimbra  
 Livraria AAC-COIMBRA, Rua Padre António Vieira, Edifício AAC, Coimbra  
 Livraria CHIADO-LISBOA, Rua Nova do Almada, 90, Lisboa  
 Livraria JURÍDICA - LISBOA, Centro Comercial Arco-Iris, Av. 18 de Junho, 6 A, Lisboa  
 Livraria FDL - LISBOA, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa  
 Livraria JURÍDICA DO PORTO, Rua Cândido dos Reis, 81, Porto  
 Livraria FDP - PORTO, Faculdade de Direito da Universidade do Porto



**ALMEDINA**

## Livraria . Editora

[www.almedina.net](http://www.almedina.net)

Almedina Atrium  
 Pr. Duque de Saldanha  
 1 - Loja 71- 2º piso  
 1050-094, Lisboa

Almedina Ferreira Borges  
 Rua Ferreira Borges, 121-127  
 3000-180, Coimbra

Almedina Arrábida  
 Arrábida Shopping, Loja 158 A/B  
 Praceta Henrique Moreira,  
 244, Afurada | 4400-475  
 Vila Nova de Gaia

Almedina Braga  
 Campus de Gualtar  
 Universidade do Minho,  
 4710-057, Braga

**ALMEDINA-DIREITO À CULTUR**



ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)\*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

**T2:** Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

**T3:** Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC [www.uc.pt/antigos-estudantes](http://www.uc.pt/antigos-estudantes), ou pela Internet em [www.uc.pt/rualarga](http://www.uc.pt/rualarga).

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

\* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

## NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



**Parceiro:** As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



**Aliado:** As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em [www.uc.pt/gats](http://www.uc.pt/gats)





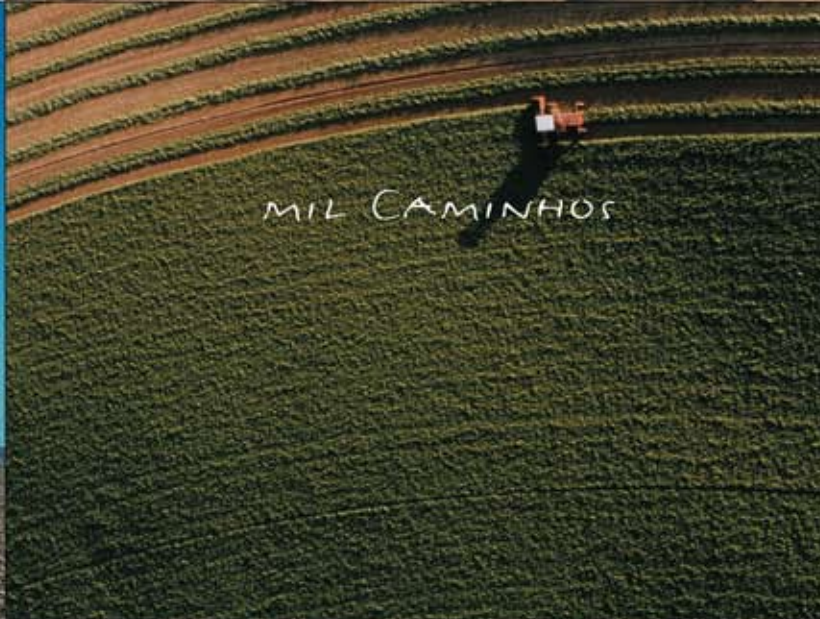
MIL SORRISOS



MIL SENTIMENTOS



MIL PROJECTOS



MIL CAMINHOS



MILHÕES DE CLIENTES



MILHÕES DE SONHOS

Millennium  
bcp

A vida inspira-nos